N.º 17 ★ 26-4-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

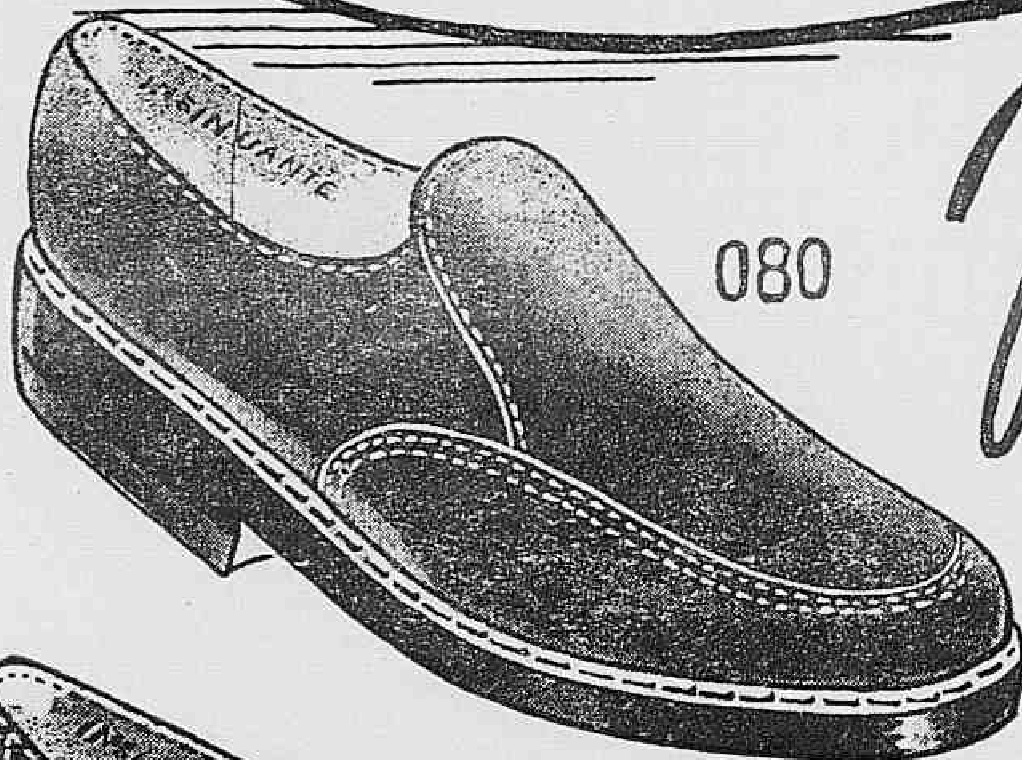
A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES

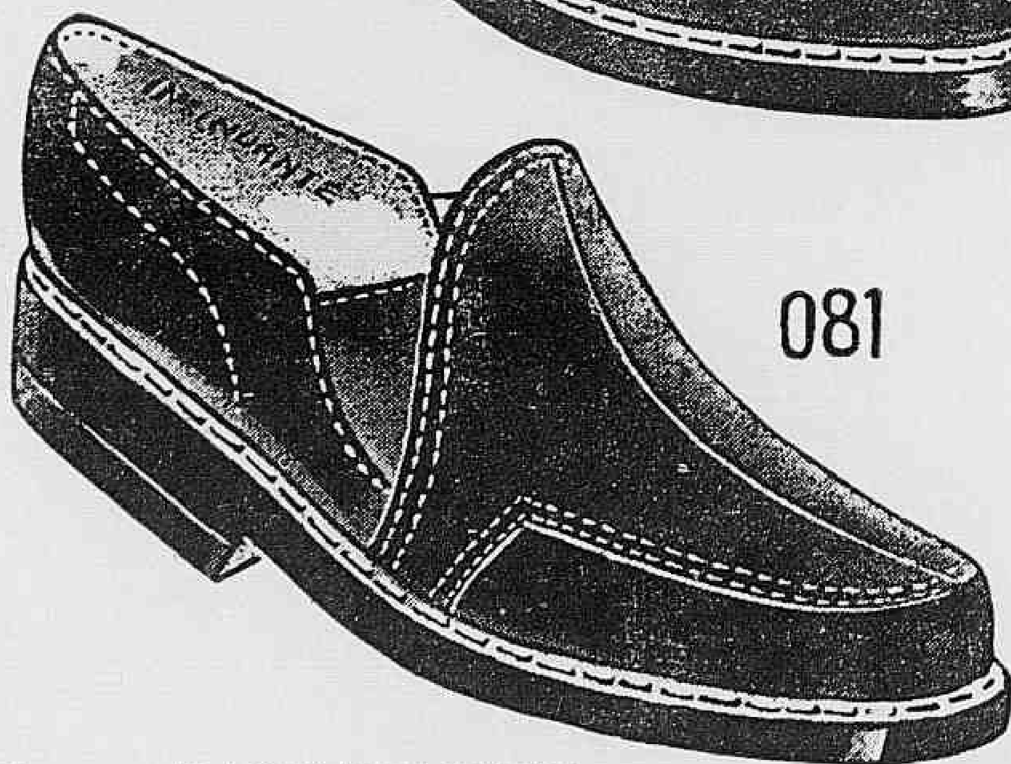




O BRASIL FABRÍCA
O MELHOR CALÇADO DO MUNDO
INSINUANTE
VENDE O MELHOR CALÇADO DO
BRASIL



080



081

Maracanã!
UM SAPATO
Excepcional
POR PREÇO
Excepcional
CR$ 175,00

INSINUANTE
Devolve a importancia
com o mesmo sorriso
com que lhe vende!

insinuante

UMA GALERIA A'
SUA DISPOSIÇÃO,
COM ÁGUA
GELADINHA
SEMPRE ÀS SUAS
ORDENS

CARIOCA, 46·48 - 7 de SETEMBRO, 199·201

AT. SEMOG

A CENA muda

ANO 30 ★ N.º 17 ★ 26-4-1951

SUMÁRIO

Candidate-se ao cinema nacional (Leon Eliachar) 3
Êxito e fracasso de um Festival (Alberto Conrado) 4
O pai dos desenhos animados (René Jeanne) 8
A entrega dos prêmios 9
Flashes mundiais 12
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Eterna ilusão (cine-romance) 15
Uma mulher sem história 18
Da teoria à prática 20
Valentino (conclusão) 22
William Holden (close-up) ... 23
Fred Zineman, um diretor de pulso 24
Telas da cidade 25
Coluna do fã 26
Correio do fã 27
Bonzo, o macaco laureado.... 28
Aldo Tonti no Brasil (Paulo Kalamar) 29
Paul Weston (close-up) 30
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação 34
Opinião alheio 34

★

CAPA:
DIANA LYNN
(U-International)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo: Jarbas de Freitas Galvão Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



oportunidade aos novos

CANDIDATE-SE AO CINEMA NACIONAL

SENSACIONAL INICIATIVA DE **"A CENA"** ★ UM FICHÁRIO EM ORGANIZAÇÃO ★ UMA FOTO, ALGUNS DADOS E — QUEM SABE? — UM INÍCIO DE CARREIRA . . .

MAIS do que qualquer outra publicação, A CENA tem dado o seu apoio integral ao desenvolvimento do cinema brasileiro. Inúmeras cartas de leitores continuam nos chegando às mãos, indagando-nos das possibilidades de ingressar no cinema. Por isso mesmo, escrevemos uma crônica "Ser Artista", publicada há três semanas atrás, orientando os jovens que sentem fascínio pela carreira cinematográfica. Contudo, alguns jovens mostram-se interessados no setor técnico da cinematografia, e continuam apelando para a nossa boa-vontade. Infelizmente, não sabemos das reais qualidades e aptidões de cada um. Mas basta êsse forte desejo de vencer, essa vontade irreprimível de seguir uma inclinação, dentro de uma indústria que surge, para que tenham todo o nosso apoio. Por isso mesmo, resolvemos abrir espaço para publicar fotografias de jovens candidatos, organizando um fichário que será pôsto à disposição dos produtores nacionais — dando, portanto, uma oportunidade aos novos candidatos. A CENA será, assim, um traço de união *entre pretendentes ao estrelato e os homens que podem torná-los "astros", "estrêlas", fotógrafos, camera-men, cenaristas, e outros encargos dentro da elaboração de um filme.*

Assim que nos chegarem as primeiras cartas, começaremos a publicar as fotos com os respectivos dados, que devem ser os seguintes:

Nome completo: ....

Idade: ....

Altura: ....

Pêso: ....

Profissão: ....

Endereço (e telefone, se tiver): ....

Cursos: ....

Especialidade que deseja abraçar: ....

Experiência artística (ou técnica): ....

Instrumentos que toca: ....

Observações (a critério do candidato): ....

Êsse cupão deverá ser preenchido, de preferência, integral. Não serão aceitas as cartas que não vierem acompanhadas do cupão. Os endereços e os telefones não serão publicados, a fim de não motivar brincadeiras de mau-gôsto; constarão apenas do "fichário", que ficará em nosso poder e será exibido, quando se nos ofereça uma oportunidade, aos produtores que, ao mesmo tempo, poderão mostrar interêsse diretamente na revista, pelas fotos e dados publicados. As fotos a serem enviadas não têm formato especial exigido; cada um deve mandar quantas quiser, as que achar mais convenientes, que impressionem melhor.

Este é o serviço que podemos prestar, dentro de nossas possibilidades, aos leitores candidatos ao cinema — e ao próprio cinema brasileiro. E é bem possível que, de tudo isso, surjam alguns testes e, por que não? — alguma nova carreira cinematográfica. Não custa tentar.

leon eliachar



ASPECTO DO CINEMA NUMA DAS SESSÕES
O Festival foi pretexto para mundanismo.

ÊXITO E FRACASSO DE UM FESTIVAL

BONITA EXIBIÇÃO DE SMOKINGS E VESTIDOSDE BAILE, MAS OS FILMES FORAM DECEPCIONANTES ★ A DESORGANIZAÇÃO MAIS BEM ORGANIZADA ★ COQUETÉIS, JANTARES, CHURRASCOS, ETC. PARA REGALO DA VAIDADE DOS ARISTOCRATAS DE PUNTA DEL ESTE ★ A VERGONHOSA ATITUDE DO JURADO ★ "CÉU SÔBRE O PÂNTANO", SEM DÚVIDA O MELHOR FILME DÊSTE CERTAME QUE SE REPETIRÁ EM 1953 ★ ÊSTE CRONISTA, VESTIDO DE MOÇO DE CAFÉ, CONSEGUIU PENETRAR NO RECINTO DO JULGAMENTO E OUVIR COISAS INTERESSANTES.

De **ALBERTO CONRADO** (Enviado especial de **"A CENA"** aos países da América Latina)

PUNTA DEL ESTE — Aqui entre nós, leitores brasileiros, em família, vamos dizer que neste Festival os uruguaios cometeram torpezas inqualificáveis. Êles se *pegaram a cotoveladas*, como se diz vulgarmente, com os nossos companheiros de mesa; limparam a bôca com o punho do palitó; disseram asneiras a respeito de cinema para chamar a atenção das visitas e fazer "cartaz" ante elas. O Uruguai é uma boa terra e seu povo uma boa família, mas se tem comportado como provincianos. Quando uma personalidade ilustre chega a uma cidade do interior, o prefeito, o médico e o farmacêutico disputam sua amizade; levam-no a jantar em casa, passeiam pela povoação e bebem com êle o chá das cinco no buteco da praça central. Em Punta del Este se tem feito o mesmo; a ressonância interior do Festival tem sido eminentemente social. Um festejo artístico de projeções ainda não calculadas. Sob o ponto de vista cultural, envolveu-se de um colorido para o grande mundo. O "farmacêutico", o "prefeito" e o "médico" (figuras simbólicas), arrasaram com as entradas para as exibições do cinema; integraram-se na rutilante lista de recepções; colocaram-se junto aos astros para aparecer com êles nas fotos. Devemos considerar que existe um só tipo de aristocracia reconhecida pelos povos; a intelectual. E' êsse o indice mais bem acabado da grandeza cultural. Poderia dizer-se, entretanto, que o Festival de Punta del Este foi organizado por um "Country Club" e não por uma nação e que foi aproveitado mais para vender terrenos do que para outra coisa. E' certo que, além dessas falhas, que tem degenerado um dos fins do Certame — o artístico — devem acrescentar-se os de organização burocrática. Mas, ante a noticia de que êstes Festivais se repetirão, queremos dizer que a idéia segue sendo boa. Terá que se limpar dos vícios com que nasceu. Terá que ampliar o objetivo e compreender que não se trata de uma reunião de "grande mundo", senão talvez da própria indústria cinematográfica da América do Sul, na qual chegarão a interesar-se diretores, produtores e artistas. Esta é uma coisa útil para fundar uma verdadeira indústria de cinema com seus mesmos profissionais e não com improvisados. Terá que se coordenar, além do mais, sua organização com os de Cannes, Veneza, etc., fazendo com que os paises participantes não enviem o saldo de suas piores produções para Punta del Este. Terá que se modificar radicalmente o plano de organização, liquidar o favoritismo. Terá que escolher os membros do juri com suprema cautela. Sòmente resta esperar que estas coisas se façam. Alcançar êsse objetivo será tarefa árdua e delicada. Tem a palavra os senhores intérpretes. "The rest is silence".

"Julgar ou não julgar" — eis a questão.

Apesar de um julgamento ser matéria essencialmente discutivel e não impor a opinião em favor ou contra, cabe assinalar que, se o prêmio a um filme se quer interpretar como sendo a um pais, o julgamento está correto. A seleção do cinema italiano está, no conjunto, acima de outra qualquer seleção apresentada. "Céu sôbre o pântano" é, na opinião de muito espectador, um filme mais valioso que "Domani é troppo tardi". E', fora de dúvida, plàsticamente mais belo e formalmente mais ajustado a uma linguagem cinematográfica. E' difícil que isto seja discutido, mesmo pela fração majoritária dos jurados. No argumento, a primeira metade de "Céu sôbre o pântano", dedicada à miséria campestre é, pelo menos, tão valiosa como a primeira metade de "Domani é troppo tardi", dedicada ao despertar sexual da adolescência. Se tem acusado a "Céu" sua falta de unidade, porque sua segunda parte se dedica a expor um melodrama alheio ao quadro social que tão intensamente descreve na primeira. Mas deve notar-se que ainda que assim fôsse (e existe quem acredita ver uma unidade subterrânea, uma relação de ordem ética), trata-se de dois filmes independentemente valiosos, construídos sob um só título. "Domani", apesar de todos os seus valores, também não é perfeito e a crítica lhe tem sido desfavorável; o filme atraiçoa e deforma seu tema.

Todo seu prestigio argumental é o de expor a educação sexual da

N. R. — Esta é a última de uma série de reportagens que Alberto Conrado nos enviou de Punta del Este, a respeito do Festival. Fazendo um balanço dos prós e contras, o cronista entra em detalhes que a sua observação pessoal fizeram-no captar. Quanto ao julgamento dos filmes, quer seja pela comissão de jurados ou mesmo pelo cronista, A CENA não toma nenhum partido, visto que muitos dêles não foram ainda exibidos no Brasil. Limitamo-nos, apenas, a reproduzir suas palavras, respeitando a sua opinião.

adolescência em têrmos bastante compatíveis de liberdade, franqueza e saúde moral.

Entretanto, sua expressão não está alheia ao discurso e na sua segunda metade falseia o sentido ao pretender que a solução de um conflito individual espalhe otimismo sôbre o conflito coletivo. Todo o sentido do filme reside na sua intenção e não na sua expressão dramática. Claro está que "Domani" é um filme mais simpático que "Céu". Prende mais fàcilmente a atenção do espectador e terá, naturalmente um maior êxito comercial. Mas êsse fator é estranho à valorização artística. Êste cronista confia que "Céu" será considerado pelos críticos brasileiros como filme superior a "Domani", como demonstrara "Vinhas da Ira", lá pelo ano de 1940.

No seio dos jurados e durante as agitadas horas que precederam à votação (êste que escreve, vestido de moço de café, introduziu-se no recinto do Country Club, onde se realizou o veredicto e ouviu coisas interessantes) o voto por "Céu" apareceu mais justificado e mantido do que o voto por "Domani".

DESVENDANDO O MISTÉRIO

Contra a votação de "Céu sôbre o pântano" operaram alguns fatôres de índole bastante alheia à estrita valorização cinematográfica. Em primeiro lugar, alguns dos jurados temeram votar num filme de conteúdo religioso (sua protagonista foi canonizada pela igreja e, pese a inicial oposição católica, o filme foi aprovado pelo Papa). Êste fator não deveria ter sido considerado porque o filme ilude tôda propaganda religiosa e se ajusta a um quadro puramente dramático, onde não verá religião quem ignore o antecedente histórico. Em segundo lugar, houve quem entendesse que "Céu sôbre o pântano" estava fora de concurso (a produção é anterior a 1950 e não foi inscrita a tempo para êste Festival). Alguém do juri votou por "Domani" contra sua melhor convicção (a tinha discutido e defendido em voz alta) de que "Céu" era um filme mais valioso. Não se deram a conhecer os fundamentos da votação e será muito difiicil que alguma reportagem aclare as dúvidas sôbre o mesmo. Resulta igualmente grotesco que faltando poucas horas para emitir o veredicto não tivessem os jurados a lisat completa dos filmes que entravam em concurso. Enquanto se admitia a inclusão de "O idolo caído" (inglêsa, 1948), se punha em dúvidas a de "Céu sôbre o pântano", que foi estreada em Roma em fins de 1948, segundo nos disse seu próprio diretor, Augusto Genina. Depois admitiu a tardia "Beate du Diable", de René Clair, que durante os primeiros dias do Festival não tinha sequer sido mencionada.

Se êstes inconvenientes tivessem sido arranjados a tempo e não acarretassem posteriores conseqüências, corresponderia esquecê-los para sempre. Êste cronista prefere olvidar o caos que conheceu, que já não interessa, e assinalar que, no conjunto, o Festival foi um êxito, porém, na sua essência, um rotundo fracasso.

E' incrivel que se outorgue prêmios ao som e à cenografia, ambos de importância menor, levando-se em conta a necessidade de premiar a montagem que, no cinema, é fundamental. O jurado trabalhou com a competência nula do assunto e principalmente com sua incoerência ao votar contra "Céu sôbre o pântano" por considerar êste filme com tendência anti-religiosa. Deve-se assinalar a debilidade com que operou o jurado ao chegar ao resultado final, quando não estava esclarecida a inclusão no concurso de "Céu". E' de supor-se que, nas últimas horas, existisse consciência de que o filme estava incluido e teòricamente suposto que sua votação (quatro votos em quatorze) refletira a opinião do jurado. Fica ainda um ponto dúbio. Quando se votou anteriormente pelo melhor diretor deveria existir a crença de que "Céu sôbre o pântano" estava fora de concurso porque, do contrário, não pareceria sensata a votação registrada, onde Augusto Genina não aparece com nenhum voto pelo seu trabalho em "Céu", enquanto aparecem cinco votos por Alessandro Blasseti ("Prima Comunione"), Renato Castelani (E. Primavera") e René Clair ("La Beaute du Diable").

O JURADO NO BANCO DOS RÉUS

Sôbre o cinzeiro fumegam ainda os charutos da sobremesa. Concluida a festa ficamos sòzinhos. Fechemos a porta e, entre nós, senhores jurados, vamos falar a sério. Vossas Excelências concorreram a êste Festival como o adolescente que assiste a sua primeira "big" festa, envergando seu primeiro "smoking". Senhores do júri, senhores das subcomissões, senhores secretários, senhores disto e daquilo, sentem-se todos. Podem tirar os pesados casacos de gala, falaremos em mangas de camisa. Comecemos com os filmes apresentados pelos brasileiros.

BRASIL

Foi premiado o filme "Caiçara", dirigido por Adolfo Coeli, fotografado por Chick Fowle, Jacques Dezeline e Bob Huke e produzido por Alberto Canvalcânti. Os filmes apresentados pelo Brasil, produções comerciais, não constituem nada extraordinário, mas podem comparar-se com alguns bons filmes americanos pela sua excelente técnica. Anunciam uma cinematografia igualmente costumbrista à mexicana, porém mais dinâmica e na qual o pitoresco local se encontra funcionalmente misturado com a ação. Tem sido, pelos seus positivos valores, a surprêsa dêste Festival. "Caiçara" é, sem dúvida, melhor que "Terra é sempre terra". O júri aqui estêve bem.

ESTADOS UNIDOS

Dez votos por "Sunset Boulevard", muito discutível. Dois votos por "Cyrano de Bergerac", veredicto inexplicável. Dois votos por "Intruder in the dust", não está mal. Para nós, êste último é o melhor filme do grupo, ou melhor dizendo o menos ruim.

INGLATERRA

Veredicto favorável ao "idolo Caido". Incontestàvelmente o melhor filme apresentado por êste país. Seria nosso candidato para o melhor argumento também.



NICOLE COURCEL E UM BALZAQUEANO
A «Maria do Pôrto» virou «Maria da Praia»



SILVANA MANGANO FIRMA AUTÓGRAFOS
Viu o ambiente e deu o fora.



JOHN DEREK E UMA FÃ
A febre de fotografar-se com os astros



JOAN FONTAINE COM UM CASAL DE RICAÇOS
Ir ao cinema foi para fazer hora.

Cinco votos para "Scott of Antartic", nobríssimo filme semi-documental, que reunia várias condições dos pontos a premiar e teria ganho, indubitàvelmente, um prêmio ao melhor procedimento de fotografia em côres se houvesse essa recompensa. Nos surpreende que ninguém haja votado em "Seven Days To Noon" (Ultimatum), filme de primeira categoria, o qual, além do mais, está dentro da grande tradição inglêsa iniciada por Hitchcock: a do filme de expectativa, chamado bastardamente de "suspense".

MÉXICO

Algum filme tinha que se premiar e devemos reconhecer que "Rosauro Castro" estava mais livre dos vícios habituais desta cinematografia. A que obteve os demais votos "Um dia de vida", transcorre faladamente. lentamente, sem que *nada* suceda até as três ou quatro cenas (três ou quatro minutos e tememos exagerar) finais. Estas últimas poderiam figurar na mais exigente antologia ao lado do melhor Eisenstein. O resto, coleção de belíssimas fotografias estáticas uma a uma — são do célebre Figueroa.

FRANÇA

"La Ronde", nove votos, maioria assustadora. Não foi premiado um filme francês. Quatro votos por "La beute du Diable". Um voto valente para "Orphée". Inexplicável, absurda a ausência de votos para "Journal d'un cure de champagne". Se comenta se isto se terá produzido pelas mesmas razões — também supostas — que impediram o grande prêmio a "Céu sôbre o pântano": teimosia de certa fração católica em ver algo de anti-clerical.

ITÁLIA

A maior vergonha do júri. Não permiar o filme de Genina "Céu", essa grande pastoral trágica, "E Primavera", excelente, assim como "Domenica d'Agosto", uma grande sátira.

A MELHOR DIREÇÃO

Nove votos para Michecangelo Antonione por "Cronaca d'un Amore"; três votos para Alessandrino Blasetti em "Prima Comunione", indubitàvelmente melhor que o diretor premiado; um voto para Renato Castelani em "E Primavera", com igual mérito que o anterior. Um voto para René Clair — que aplaudimos — pois o grande e puro cineasta pode ter-se convertido de criador em mestre, porém sempre a um dos mais altos valores da cinematografia contemporânea. Nos surpreendente e aflige, neste julgamento, a Genina e que tampouco se tenha tido em consideração a indiscutivel jerarquia do discutido Cocteau e o mesmo para Luciano Emmer em "Domenica d'Agosto" e para Carol Reed em o "Idolo Caido".

A MELHOR INTERPRETAÇAO

Sete votos para Michele Simon; não desaprovamos, mas nos teria agradado um critério mais jovem, menos agarrado ao "vedetismo", apesar de se tratar de um "vedetismo" de caráter. Queriamos ver premiado Gérard Phillipe, intérprete de três filmes de suma importância dentre os que concorreram a êste certame.

Acreditamos ser necessário que se leve em conta, aparte do puro valor, o que constitui um novo sangue que tende a varrer muitas supervivências teatrais inconvenientes para o cinema. Sete votos para José Ferrer em Cyrano de Bergerac". Lamentamos dizer que não pudemos ver o ator detrás do carnavalesco nariz de teatro. Para nós é um voto inexplicável por parte de quem deveria saber que está julgando cinema. Em nossa opinião Claude Laydu, o extraordinário padre rural, deveria ser o premiado.

MELHORES INTERPRETAÇÕES FEMININOS

Nove votos para Gloria Swanson em "Sunset Boulevard". Com o concurso do maquilador, da exageração dos gestos e de uma voz com acento monotònamente enfático, qualquer "segunda donna" pode fazer o palhaço com êxito. Condenamos os nove votos.

Cinco votos para Anna Neagle em "Odette". Deviam estar melhor votadas Daniéle Delorme, em "Gi Gi", e Marie Casares, em "Orphée".

ATORES SECUNDARIOS

Doze votos para Juano Hernandez em "Rancor". Parece-nos excessivo, já que grande parte do mérito de êste ator-negro reside na mesma serenidade de feições que caracteriza a muitos homens de côr e nessa voz rica que também lhes pertence.

Dois votos para Umberto Spadaro em "Il Brigante Mussolino". Merecidos. Perguntamos ao júri se houve esquecimento, de sua parte, das performances de Bernard Blier em "Souvenirs Pardus", de François Perier, e em "Orfeu"; de Carlo Romano em "Domani é troppo tardi"; de Daniel Gelin em "La Ronde". Voto de censura para os juizes supremos. No que respeita a atrizes secundárias, bom o voto para Josephine Bull por seu trabalho em "Harvey".

A FOTOGRAFIA

Foram dados dez votos a Aldo Tonti por "Il Brigante Mussolino". Na verdade, o filme possuia uma fotografia funcional e sólida. Os votos que conseguiu o célebre Figueroa, mexicano, por "Um dia de vida", foram pouco merecidos, pois o virtuosismo estático nada tem a ver com a fotografia em função do filme.

Por ordem, e apanhando as duas candidaturas do Júri, estavam antes as de Denys Coop em "The Fallen Idol", a da equipe que fotografou "Scott of Antarctic", a da



«VALENTINO»
A maior mediocridade feita por Hollywood



«RUSAURO CASTRO»
A menos ruim das produções mexicanas.

equipe responsável por "Domenica d'Agosto", a de Cristian Matras em "Souvenirs Perdus", isto sem falar em "Céu sôbre o pântano", que reunia todos os requisitos técnicos.

A MÚSICA

George Auric, com sua partitura para "Orfeu", devorou treze votos. A partitura de Vaughan Williams para "Scott of Antarctic" teve sòmente um voto, apesar de ser excelente. Êstes juizos não estão mal, mas sim em desproporção. E, além do mais, não é de boa-fé que não se haja levado em conta a novedosa inclusão em alguns filmes (Priema Comunione, Notturno), de partituras para piano, pequena orquestra ou pequenos instrumentos que parecem marcar uma favorável reação contra os arrebatos pseudo-sinfônicos até agora vigentes na maioria dos filmes. E existem filmes cuja música deveria ter merecido um voto de censura: por exemplo, aquêle tremendo solo de tenor que acompanhou a majestosa visão das ruinas de Chichen-Itza em "Desejada" (mexicana), e que nos fazia chorar de nostalgia pelos surdos timbales que acompanhavam a visão grega do prelúdio de "Olimpia", de Leni Riefenstah... O som estêve bem para "Ultimatum".

CENOGRAFIA

Se considerou-se fora de concurso "Justice est faite", portadora do troféu veneziano dêste ano, por que se premiou novamente a "La Ronde" com idêntica recompensa obtida por êste filme na bela cidade italiana? Esqueceram-se ou resultou mais fácil? Tinham uma boa oportunidade para premiar ao excelente D'Aubonne; os decorados de "Orfeu" não são piores, levando-se em conta não terem sido premiados num certame anterior.

OS ARGUMENTOS

Foi premiado por nove votos o de "Domani é troppo tardi". Não repetiremos o que antes dissemos sôbre a falta de originalidade do tema dêste filme; os nove que o tinham votado para o grande prêmio não podiam fazer outra coisa. Para nós, o melhor foi o de "The Fallen Idol". O inaudito é que se tenha votado para o mesmo grupo o "Journal D'un cure de Champagne". Como se pode premiar como argumento cinematográfico a um livro que foi escrito sem pensar seu autor em cinema e tendo êste falecido antes que o filme fôsse feito? Graham Greene contribuiu para a adaptação de seu conto original, colaborando no guião com Carol Reed. Mas o pobre e grande Bernanos não pôde fazê-lo. Nos convencemos uma vez mais de que certos criticos especializados são muito sarcásticos. E, pensando assim, o Leon Eliachar, por exemplo, diria num júri: "Não se lhes ocorra premiar a Shakespeare como argumentista de "Hamlet"..."

OS FILMES DE CURTA-METRAGEM

Em desenho animado está muito bem o primeiro prêmio para "Gerald Mc Boing". Restabelece, com meios modernos, a pureza dos filmes de Emile Cohl e os dois de igual pureza no colorido sem fraude de nenhuma espécie. "Notturno", dêsse bom amigo que fizemos em Punta del Este, Vittorio Sala, que estava no certame como correspondente do "Il Popolo", de Roma, poderia aspirar a um prêmio. Se houvesse um prêmio para o melhor documentário, seria imperdoável não considerar, ao lado de "La Beaver Valley", a "Como nasce uma ave", "The Photographer", de Van Dike, "Pallo di Siena" e "La Storia Muore in Puglia".

Tem sido considerado por todos os entendidos — locais e visitantes — um verdadeiro atentado à qualidade, o feito de ter-se dado tão pouca importância aos filmes de curta-metragem. O exibi-los, como se fêz, em primeira seção, a qual muitos chegavam tarde, em lugar de estabelecer desde o princípio do Festival um ciclo orgânico — matutino, por exemplo — dessa categoria de filmes, constitui um claro desconhecimento da importância que se dá noutros países a essa classe de produções. E o fim cultural do Certame se desvirtua inteiramente da sua finalidade. A opinião de Mrs. Bruce-Lockahart, de Cavalcânti, de Scicluna, de Latuada e de Gérard Phillipe e muitos outros, é de que *"O documentário preserva intacta a verdadeira essência do cinema e reanima suas fôrças por sucessivos descobrimentos"*. Por último, e mais uma vez, deploramos não ter sido atribuido um primeiro prêmio à melhor montagem. Num almoço campestre tocou-nos sentar ao lado do Dr. Giacomo Rancati, superintendente da cinematografia italiana, que, conversando de cinema, nos declarou: "O cinema não se faz nem com a câmara, nem com os demais elementos. Se faz com as tesouras. A montagem é o mais importante. Nós, na Itália, a temos chamado de a coluna vertebral do cinema". E êste é nosso juizo sincero e imparcial sôbre o Festival Internacional de Cinema de Punta del Este. Sabemos que, no próximo Certame, haverá maiores precauções e seu brilhantismo terá um maior grau de ordem cultural. La estaremos novamente em 1953 (sabe-se lá?) naquele belo rincão uruguaio. De antemão agradecemos o convite. Hasta luego.



MICHELE PHILLIPE
Exibição de filmes ou de raposas?



«DIARIO DE UM PADRE RURAL»
O jurado não soube compreendê-lo.



«MANANCIAL ETERNO»
Os filmes de curta-metragem não foram considerados.



WALT DISNEY
Gênio — mas não o pai.

O PAI DOS DESENHOS ANIMADOS

De RENÉ JEANNE (Copyright do S.F.I., especial para "A CENA")

O novo grande filme de desenhos animados de Walt Disney, "Cendrillon", que começa a sua volta ao mundo seguindo os passos felizes de seus predecessores, chama mais uma vez a atenção do público sôbre a pessoa do seu autor... Não se pode negar, sob pena de má-fé, que Walt Disney deu a essa forma especial de espetáculo cinematográfico, que é o desenho animado, uma personalidade poderosa e uma sedução que renasce constantemente, que a sua fecunda imaginação, que o infatigável engenho que lhe permite ajustar essa imaginação às necessidades do seu ofício, que o ponto de quase perfeição que atingem os menores e os mais importantes filmes saídos de seus "ateliers" na sombra tudo quanto, desde que êle reina nos "écrans", se tem compreendido no domínio em que êle é mestre, não é menos verdade. Não é, no entanto, uma razão para se ver nêle, o que tantas vêzes acontece, o "Pai do desenho animado". Quando Walt Disney pensou estabelecer uma colaboração entre o desenho e o Cinema, já se haviam passado, com efeito, quinze anos que o primeiro filme de desenhos animados tinha sido projetado nos "écrans", e não foi mesmo na América que o acontecimento se verificara.

Se se quisesse escrever a história do "Desenho animado antes do Desenho animado", poder-se-ia falar das "Pantomimas luminosas", em que o "Teatro Optido", de Emilio Reynaud, instalado nos boulevards parisienses se havia especializado desde 1892, bem como do "phénakistope" e do "praxinoscopo" e ainda dos espetáculos de sombras de Caran d'Ache, que atraíram o "tout Paris" para o "Chat Noir", e mesmo das sombras ditas "chinesas", que tão apreciadas foram no século XVIII, que deram uma auréola de popularidade ao nome de Séraphim. Mas nada disso era "desenho animado", na acepção que hoje damos a essa expressão. E para se encontrar um filme animado de desenhos, um verdadeiro que apenas se distingue do "Cendrillon" pelas suas dimensões e perfeição técnica, e não por seus princípios, temos que chegar ao ano de 1908.

Quando, muitos anos mais tarde, o filme de desenhos animados conquistou o seu apogeu, J. Stuart Blackton, que era o "metteur en scène" de Norma Talmadge, uma das estrêlas mais em vista da época, pretendeu ter resultado, desde 1906, um "Humorous Phases of Funny Faces" ("Momentos Humorísticos de Figuras Fantasistas), bem como no ano seguinte, por conta de Edison, um certo "Magic Fountain Pen", onde se vê uma caneta escrer sòzinha, essa dupla afirmação carece de provas.

Naquele ano, morava em Paris — e mesmo em Montmartre — um desenhista de nome Emile Courtet, conhecido sob o pseudônimo de Emile Vohl, que, depois de ter feito seu aprendizado de artífice de ourives, espalhando seus desenhos por tôda a parte, se havia interessado pelas primeiras manifestações cinematográficas, mais por distração, passando noites seguidas diante de um "écran". Foi assim que êle assistiu à projeção de um filme, em cujo argumento quis ver o desenvolvimento de um de seus desenhos. Como não era homem de muito bom gênio, Cohl dirigiu-se no dia seguinte à Rue de la Villete — o filme tinha a marca da Casa Gaumont — para protestar contra o plagiato de que êle se julgava vítima. E dali saiu com um contrato para participar na atividade da casa... Teve logo esta idéia: "Uma vez que o movimento cinematográfico resulta de uma ilusão de óptica por meio de algumas imagens sucessivas, uma vez que o número dessas imagens é fixo — palavras suas a um jornalista parisiense que o entrevistou em 1936 — e que a película pode receber não importa que impressão, deve ser possível substituir a fotografia pelo desenho, obtendo-se o mesmo resultado físico, mas criando com o lápis sêres de sonho!"

Emile Cohl começou a criar êsses sêres de sonho sem mais esperar, e o primeiro a que deu vida apareceu na tela do Teatro do Ginásio, a 18 de agôsto de 1908, num filme intitulado simplesmente "Fantasmagoria". Com 36 metros de extensão e mais de 2.000 imagens, êsse filme custara à Casa Gaumont" 600 francos. Emile Cohl foi o desenhista e operador, reduzindo-se sua instalação e material a um aparelho de tomadas de vistas de manivela, funcionando à mão, naturaumente, e parando após o registro de cada imagem para pôr em foco a imagem seguinte.

Se êle pensar em Emile Cohl, executando com o sorriso nos lábios seu trabalho de beneditino em seu pequeno "atelier" das Buttes Chaumont, Walt Disney, em meio de sua imensa fábrica de Burbank, deve provàvelmente beliscar o braço para saber que realmente existe.

(Cont. na pág. 30)





Jeff Chandler e espôsa



Debra Paget e Gene Kelly



Hory Calhoum e a espôsa

SESSÃO DE GALA EM HOLLYWOOD

A ENTREGA DOS PRÊMIOS

(Fotos 20th Century-Fox — Exclusivos para A CENA)

COMO sucede todos os anos, teve lugar no Pantage Theatre a entrega dos"Oscar" aos melhores do ano, a 29 de março último. Celebridades da tela ali compareceram, fazendo-se acompanhar das respectivas espôsas, compartilhando todos de um nervosismo indisfarçável, à medida que iam sendo anunciados os vencedores. Embora difícil a escolha, como sempre, pois eram vários os candidatos aos prêmios, ficou patenteado que "All About Eve" (A Malvada) acolheu maior número de votos, arrebatando nada menos de nove "Oscar". Nas fotos vemos alguns flagrantes de figuras de projeção no momento em que compareciam à solenidade.



Broderick Crawford e Ethel Barrymore.



Rory Malhoum e espôsa.



Edna e Edward Anhalt e Ruth Chaterton.



George Sanders e Helen Hayes

David Wayne e espôsa.





Darryl F. Zanuck e Katherine Thalberg.

Recaiu sôbre os seguintes artistas a escolha:

Melhor ator: **José Ferrer (Cirano de Bergerac).**
Melhor atriz: **Judy Holliday (Born Yesterday).**
Melhor diretor: **Joseph L. Mankievicz (A Malvada).**
Melhor adaptação de argumento: **Crepúsculo dos Deuses.**
Melhor «script»: **Joseph L. Mankievicz (A Malvada).**
Melhor coadjuvante masculino: **George Sanders (A Malvada).**
Melhor coadjuvante feminino: **Josephine Hull (Meu amigo Harvey).**

Charles Le Maire e Jan Sterling





Paul Douglas e espôsa (Jan Sterling)

Melhor canção: **«Mona Lisa» (Missão de Vingança).**
Melhor filme: **A Malvada (All About Eve).**
Melhor partitura: **Franz Waxman (Crepúsculo dos Deuses).**
Melhor som: **A Malvada.**
Melhores figurinos em prêto-e-branco: **A Malvada.**
Melhor argumento: **Edna e Edward Anhalt (Pânico na Rua).**
Melhor «short»: **Por que Coréia? (Fox).**
Prêmio Irving Thalber a Darryl F. Zanock, pela mais consistente e alta qualidade de produção nos últimos três anos.

G. Sanders, Josephine Hull, Dean Jagger e Mercedes McCambridge.





Ruth Chatterlen e Joseph Mankiowez



Richard Widmark e espôsa.

Jeanne Crain e espôso (Paul Brinkman) e Eleanor Parker e espôso (Bert Friedlob).





«CAVALEIROS DO DIABO», (Kansas Raiders» é um novo tecnicolor da Universal, cheio de aventuras e peripécias do «far-west» americano.

FLASHES DE HOLLYWOOD

Era vagabundo mas passou a dedicar-se ao trabalho; amava a liberdade e renunciou a ela. Usou seus punhos em defesa do direito, mas cuidou de sua vida porque dela precisava para cuidar de uns inocentes que havia abrigado em sua casa e em seu coração. Vejam como o destino é irônico, em «Paladino dos Pampas» um filme da Universal-International em tecnicolor, interpretado por Joel McCrea e Wanda Hendrix.

Assistiu a um crime e se converteu em vítima de perseguidores. O próprio assassino procurava eliminá-lo também para encobrir o delito. A polícia queria pegá-lo para que êle confessasse o verdadeiro criminoso. A espôsa estava an-



ANN SHERIDAN que a muito não viamos em nossas telas vem aí em «Na Noite do Crime» da U.I., ao lado de Dennis O'Keefe e Robert Keith



ESTA QUE aqui vemos personificando a Rainha Vitória é Irene Dunne, em «O Garôto e a Rainha», uma nova produção da 20th Century-Fox



DOROTHY KIRSTEN, é uma nova personalidade da arte lírica que aderiu a Hollywood, nesta foto vemo-la em uma cena de «Mr. Music», um musical da Paramount.

ciosa para achá-lo a fim de se redimir da falta em jamais tê-lo amado como êle merecia. O filme «Drama e sentimento» da Fidelity para a Universal, vivido por Ann Sheridan e Dennis O'Keefe nos principais papéis é um drama repleto de suspenso.

★

Peggy tem o poder de transportar você à lugares de rara beleza. E' um filme que agrada a todos, grandes e pequenos. Veremos neste filme a tão célebre parada das rosas, festa esta que é celebrada anualmente em Pasadena, na Califórnia. Diana Lynn é a protagonista, Charles Coburn, o velho professor áustero, pai de Peggy e que não quer reconhecer na filha o direito de amar. Peggy casa-se secretamente sem o consentimento do velho e isto lhe traz uma série de consequências bem complicadas, mas como nos contos de fadas, tudo acaba às mil maravilhas.

★

«Sexo Fraco», um filme que encerra uma história de guerra, sem ser filme de guerra. Trata-se de um filme de J. Arthur Rank, distribuido pela Universal, um filme que mostra quão forte é a mulher. Em todos os momentos difíceis da vida é a que tem o ânimo forte, daí não há justificativa para chamá-la de sexo fraco.

★

«Angústia», um filme de J. Artur Rank, distribuido pela Universal, tendo como protagonistas Jean Simmons e Dirk Bogarde. O filme tem como cenário Paris, a cidade luz, sempre vivida na mente dos sonhadores. «Angústia» é um filme sublime, um filme interessante, um casal de irmão que partem para Paris a fim de assistir à Exposição que lá se realizou no ano de 1889, época em que decorre o filme. O irmão desaparece misteriosamente e a aflição da jovem irmã é algo de notável, aliás para nós que já conhecemos as qualidades de Jean Simmons como intérprete de outros filmes dramáticos, é fácil avaliar o desempenho da irmã abandonada num centro que é Paris.

★

A Paramount Filmes, que iniciou brilhantemente a sua temporada de 1951 com «O Vale da Ambição», «Cidade Negra», e, principalmente, com «Crepúsculo dos Deuses», filme que inegavelmente, constituiu um dos maiores sucessos artísticos de Hollywood, desde muitos anos, promete apresentar ainda uma seleção das melhores fitas produzidas pela marca das «estrêlas».

★

Também em tecnicolor, temos «O Conde em Sinuca» (Fancy Pants), a nova «brincadeira» do impagável Bob Hope, acompanhado novamente por Lucille Ball, como aconteceu em «A Menina dos meus olhos». Esplêndidos números musicais, interpretados pelos dois comediantes.

★

William Holden (cuja interpretação em «Crepúsculo dos Deuses» lhe valeu ser nominado entre os cinco finalistas para o Oscar de 1950), faz novamente dupla com a novata Nancy Olson em «Rastro Sangrento» (Union Station), que tem na direção um nome respeitável: Rudolf Maté. Barry Fitzgerald, Lyle Bettger (de «Casei-me com um morto) e Jan Sterlin estão no elenco.

★

No gênero de espetáculos romântico-musicais, «Nasci para Bailar» (Let's dance) possui um lugar à parte. E' uma primorosa realização em côres, tendo como principais: Betty Hutton, dansando pela primeira, o inimitável Fred Astaire e o gozadíssimo Roland Young.

★

Gene Kelly e Stanley Donen, responsaveis pela direção de «Um dia em New-York», voltarão a trabalhar de parceria em «Cantando na Chuva», musical em tecnicolor que a Metro produzirá pròximamente. Aliás, algumas sequências musicais de «Um Americano em Paris», filme recentemente terminado por Vincente Minnelli, com Gene Kelly e Leslie Caron, foram dirigidas por Gene Kelly.

★

Diana Lynn ganhou um dos principais papéis de «The People Against O'Hara», de que Spencer Tracy é o «astro». Várias cenas foram recentemente tomadas em New York.

★

Van Johnson será o intérprete do pastor protestante que será visto como principal figura de «When in Rome», filme que Clarence Brown produzirá e dirigirá para a Metro. O filme mais recente de Clarence Brown, como se sabe, é «O Mundo não perdoa» (Intruder in the Dust).

(Cont. da pág. 24)



«SOB O MANTO DA TERNURA», uma produção da U.I. nos apresenta uma Claudette Colbert doce e meiga diferente da OUTRA Claudette, tão nossa conhecida.



MARILYN HAMPTON, é uma jovem e promissora pequena que a Paramount vai lançar como a bailarina de «Tripoli», um novo tecnicolor com John Payne e Maureen O'Hara.



DURANTE A FILMAGEM de «On the Riviera» nos estúdios da T.C. Fox, Danny Kaye, o impagável comediante, recebe a visita de Sharman Douglas, pouco antes da filmagem de um «take».



FRED ASTAIRE, continua em forma, aqui está êle em uma cena movimentada do alegre musical da Paramount «Jack anda Beanstalk», com Betty Hutton.

XVIII

LEON ELIACHAR



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Nome verdadeiro: Leon Eliachar.

Nasceu no Cairo, Egito, a 12 de outubro de 1922: chegou ao Brasil com 10 meses de idade, permanecendo até hoje. Branco, olhos castanhos, cabelos prêtos. Considera-se brasileiro. Está tratando da naturalização.

Tem o curso ginasial e o diploma de dactilógrafo.

Começou a trabalhar aos 17 anos, em balcão, ganhando 100 cruzeiros mensais, subindo até 550 como auxiliar de escritório.

Escrevia nas horas vagas e o patrão resolveu demiti-lo.

Foi indenizado e ingressou no jornalismo.

Escreveu, gratuitamente, durante três meses para «Jornal das Moças», «Beira-Mar» e «Vamos Ler». Profissionalmente sua oportunidade chegou com a remodelação da revista «Fon-Fon», onde criou uma seção de cassinos, e depois tentou a crônica de cinema.

Já publicou artigos em «Fon-Fon» e «Carioca» e foi crítico dos jornais «Resistência» e «Democracia», ambos extintos.

Publicou cêrca de 15 contos na revista «Carioca». Pretende editá-los em livro, algum dia, acrescidos de outros inéditos.

Ganhou nome fazendo oito páginas semanais de cinema e quatro de humorismo em «Fon-Fon», durante três anos. Convidado, trabalhou durante ano e meio na «Cigarra» mantendo uma seção de 10 páginas de cinema por mês.

Foi cronista cinematográfico também da «Revista da Semana».

Foi diretor de publicidade da «Lux-Mar Filmes».

Lançou, para o sr. Luís Severiano Ribeiro, o filme nacional «Mãe».

Recebeu a incumbência de secretariar A CENA MUDA, onde permanece há ano e meio, remodelando totalmente a feitura material e artística da revista, e por isso abandonou todos os outros cargos que ocupava em jornais e revistas cariocas.

Escreve, semanalmente, um programa de meia-hora na Rádio Tupi, programa, evidentemente humorístico.

Menor salário recebido em um mês: cem cruzeiros. Maior renda mensal: vinte e três mil cruzeiros.

Não gosta de horários nem de planos para o dia de amanhã.

Queria ser médico-psicanalista e lê tudo que se relaciona com a matéria.

Sua biblioteca tem volumes de Medicina, Filosofia, Metafísica, e Artes em geral.

Não gosta de ler romances.

Pretende escrever um ou dois, daqui a alguns anos.

Tenciona publicar breve um álbum de piadas sôbre cinema.

Foi convidado a escrever para a Televisão. Talvez o faça ainda êste ano.

Não gosta de mandar nem de ser mandado.

Detesta gravata e paletó, anda sempre em trajes de esporte.

Adora música e só escreve com eletrola ligada.. Tem uma vasta coleção de foxes, swings e blues populares, comerciais: não gosta de «be-bop». Aprecia música clássica, às vêzes. Discos favoritos. «Dancing in the dark», «Laura», «Time on my hands», «Star Dust» e outros americanos. Dos brasileiros: «Aquarela do Brasil», «Na Baixa do Sapateiro», «Baião». Clássicos e semi-clássicos: «Pavana de uma criança morta», «Clair de Lune». «Estudo Revolucionário», «Morte do Cisne», «Cavalgada das Valquírias». Não troca o jornalismo por nenhuma outra profissão, segundo afirma. Já fumou cachimbo e já usou bigode.

Trabalha a qualquer hora do dia ou da noite...

Gosta de uma boa palestra.

Não bebe e não joga.

Fuma quase dois maços de cigarro por dia: «Lucky Strike» e «Phillip Morris».

E' sócio fundador do Círculo de Estudos Cinematográficos e um dos seus diretores.

Membro da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.

Membro da Associação Brasileira de Imprensa.

Fala correntemente: português.

Arranha: espanhol, inglês, francês e egípcio.

Não tem preconceito de raça nem de religião.

E' ateu, e acha que religião é uma bobagem para os fracos de espírito e os que as seguem fazem-no simplesmente por tradição.

Admira: cortesia, consideração, retidão de caráter, bondade, fôrça de vontade.

Homens que admira: Freud, Santos Dumont, Roosevelt Churchill, Fleming e êle próprio, Leon Eliachar.

Considera Vão Gogo um dos melhores humoristas do mundo.

E' fã de Carlos Lacerda.

Gosta de escrever seus artigos diretamente à máquina.

Também gosta de: ir à praia, amar e ser amado, ouvir elogios sinceros, ler suas crônicas depois de publicadas, fazer a paginação da revista, ouvir seus programas de rádio, dirigir automóvel, usar roupa limpa e bem passada, ler revistas, ouvir boas pilhérias.

Adora comer melancia.

Não gosta de fazer a barba, cortar cabelo, engraxar sapatos, entrar em fila, andar de bonde, vestir roupa nova, usar gravata, fazer refeições, fazer ponta de lápis, ir a paradas militares, ir ao dentista, andar em automóvel velho, telefone ocupado.

Não gosta também de carnaval.

Detesta hipocrisia, esperar alguém, ir a enterros e ir ao teatro...

Jogou futebol e basquetebol em tempos de estudante. Nunca foi o primeiro nem o último da turma. Ficou prêso várias vêzes por dizer piadas em plena aula.

Tirou um passaporte para uma viagem pela América e Europa, como correspondente do «Fon-Fon», onde se incluiam oito países: Estados Unidos, México, Canadá, Espanha, França, Inglaterra Itália e Portugal. A viagem gorou e o passaporte será usado algum dia nos países que deseja conhecer, e que são Egito, Suíça, Alemanha, França, Estados Unidos e Inglaterra.

Adora viajar por conta própria.

Do Brasil, conhece: Recife Natal, Fernando de Noronha, Salvador, São Paulo, Santos e Niterói.

Do Rio, só conhece Copacabana. O Méier, de passagem.

Dentro de alguns dias partirá para Buenos Aires, onde permanecerá 10 dias.

Não gosta de fazer compras, de gente arrogante ou de Judy Garland.

Tem facilidades de fazer amizades: é muito comunicativo.

Possuiu dois automóveis: uma baratinha Wanderer e um coupé Grahm. Vendeu-os com prejuízo de 14 000 arames, mas pretende comprar um carro novo ainda êste ano.

Tem uma balsa salva-vidas com capacidade para 6 pessoas e costuma promover passeios em alto-mar.

Ambições: conhecer o mundo, possuir um apartamento próprio em Copacabana, uma lancha, um sítio em Jacarepaguá, tocar piano como Carmen Cavallaro e subir ao Corcovado.

Estrêlas de cinema favoritas: Ida Lupino, Cathy O'Donnell, Dorothy Mc Guire, Ingrid Bergman e Micheline Presle.

Astros: H. Bogart, C Gable, C. Chaplin, G. Philippe, Richard Conte e Orson Welles.

Diretores preferidos: — Claude Autant-Lara, Jules Dassin, Charlie Chaplin, Carol Reed, David Lean, Vittorio De Sica, Henry Hathaway, Elia Kazan, Alfred Hitchcock, Edward Dmytryk e John Huston.

Filmoteca selecionada: «Adúlte-

(Cont. na pág. 26)



Thérèse amava realmente Roger Moulin. E jámais se entregaria a outro homem...



ETERNA ILUSÃO

GRANDE industrial e tirano familiar, o senhor Bonnard deplorava o não conformismo de seu filho Lucien (DANIEL GÉLIN), que insistia em prosseguir, no Museu do Homem, o que seu pai classifica como estudos estéreis, em lugar de seguir o exemplo de seus irmãos mais velhos e prestar-lhes apoio na usina de sua propriedade. Não preciso de nenhum etnógrafo, de nenhum explorador de gabinete! — exclamou o velho pai pela centésima vez no decorrer de um dêsses jantares de familia, em que cada conviva, temendo uma explosão, inclinava a cabeça para o seu prato.

Seus anseios, suas lutas, seus amores — tudo parecia ter sido traçado pela própria vida. Mas êles, jovens demais adquiriram experiência.

Lucien não pôde conter-se:

— Eu sou um explorador de gabinete até o presente momento, mas já lhe disse que a minha expedição está pronta e que partirá...

— Para onde e quando? — interrompeu Bonnard sarcástico.

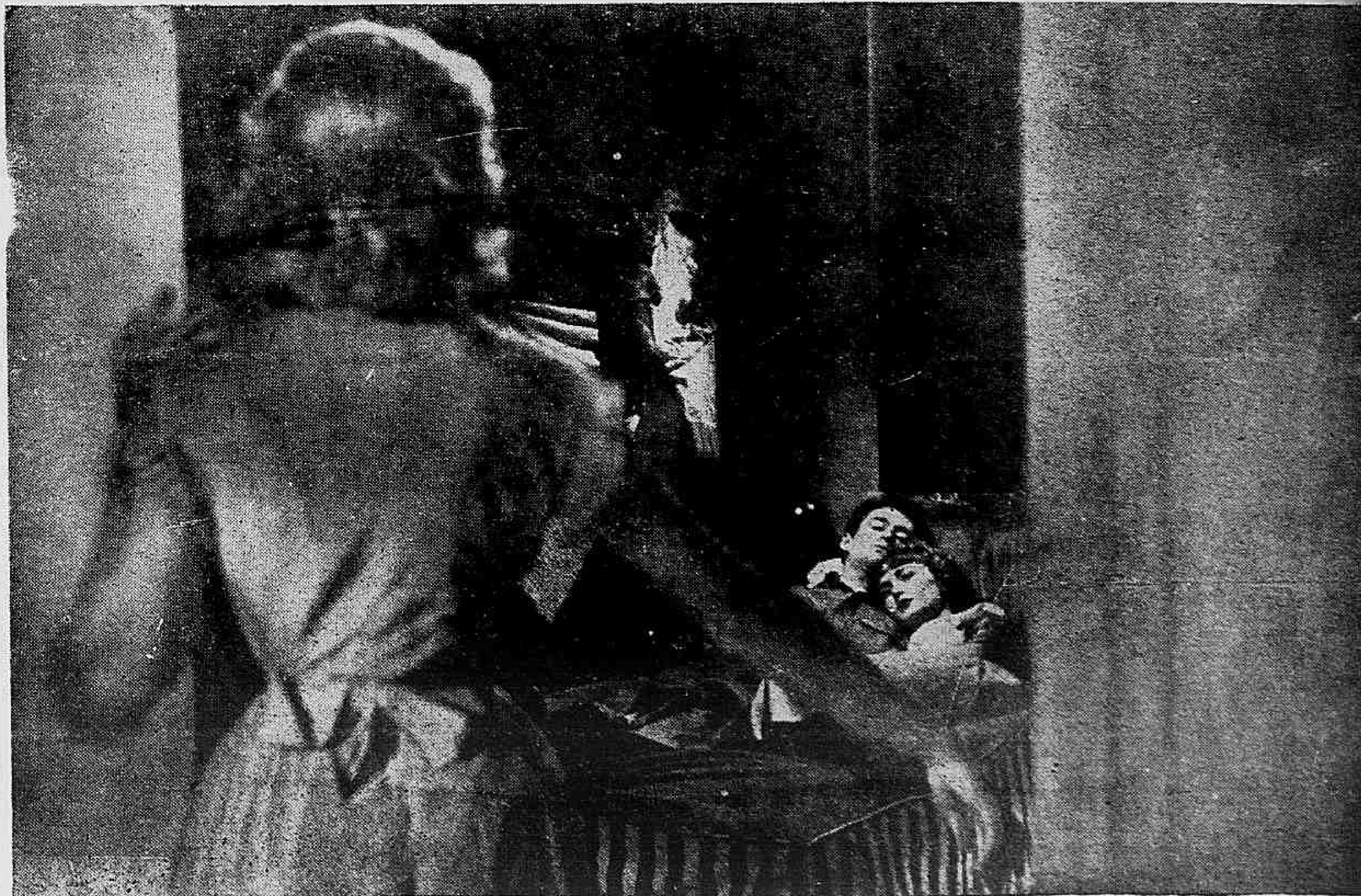
— Para as florestas equatórias, na zona dos Pigmeus, logo que os poderes públicos nos concedam transportes!

— Meu amigo, tu és um quimérico. Si tivesses doze anos, não seria grave, mas já tens vinte...

— Lamento decepcioná-lo — declarou friamente Lucien. Meu destino está em lugar bem diverso da sua usina. Mas enquanto se espera, sou eu que vou mantendo até ao teu destino...

Ferido por essas palavras, o rapaz ergue-se da mesa, arrumou ràpidamente sua maleta e, sem intenções de voltar, abandonou êsse teto onde lhe era lançado em rosto o próprio pão a que tinha êsse direito. Levava consigo algumas economias. De resto, sempre se arranjava com o auxílio dos companheiros, um bando de moças e moços para os quais o otimismo da mocidade substituía os bens da fortuna.

Tocou a Lucien a oportunidade de telefonar à Christine (NICOLE COURCEL). A jovem almoçava em companhia de sua mãe, uma senhora cuja liberdade de costumes não se deixar entravar



Na residência de Mercier, todos os jovens se reuniram para celebrar. Christine não se mostrou surprêsa quando encontrou Thérèse e Roger. Sabia que se amavam...



Thérèse deixava-se cortejar inocentemente. Mas uma expressão de temor pelo futuro iluminava os seus olhos de moça sonhadora...



Roger confiava no amor de Thérèse. Mas uma certa dúvida invadiu-lhe o coração, quando a viu insistemente cortejada por François...

por escrúpulos. Entretanto, apenas para salvar as aparências, ela fingia dar alguma importância às idas e vindas de sua filha. Nessa mesma noite Lucien convidou Christine para jantar com êle.

— Concedido — respondeu a senhora Courcel — mas quero que a traga bem cêdo para casa. Os dois jovens fixaram um encontro no «Lorientais», modesto clube noturno existencialista de montparnasse, onde os amigos de Lucien gostavam de dansar e beber um pouco. O telefone tornou a chamar. Era, desta vez, François Courcel (PHILIPE MAREUIL), que vinha anunciar à sua mãe e à sua irmã uma estupenda notícia:

— Está tudo arranjado! Rosseau vai montar a minha peça no Teatro Saint-Jacques!

Até então as finanças tinham andado muito por baixo, mas Betty, amiga de François, conseguira de seu marido a soma necessária. Guillaume Rosseau (BERNARD LA JARRIGE), jovem diretor de vanguarda, nem mesmo lera o manuscrito. Já que se levantara o financiamento, o resto pouco importava. Christine, loucamente excitada, fêz a François uma série de perguntas. — Acalma-te — aconselhou êle — eu me lembrarei de ti. Vais hoje ao curso? Rosseau irá até lá para ouvir-te antes que venhas ler-lhe o teu papel no teatro esta noite. A perspectiva dessa audição deixou a jovem num estado difícil de descrever. Desligando o aparelho, ela afastou, sem fome, o prato que lhe servia sua mãe e disse:

— Tenho tanto mêdo de um fiasco...

— Não é hora de pensar nessas coisas — protestou a senhora Courcel, encantada com a oportunidade que se oferecia aos seus dois filhos.

Enquanto Levase (LOUIS SEIGNER), o célebre ator, ministrava instruções à sua classe de interpretação dramática, Christine confiava em vóz baixa o acontecimento à sua amiga Thérère Richard (BRIGITTE AUBER). Thérèse não pôde ouvir tudo, pois chegara a vez de entrar em cena. Ao lado de seu colega Pierre Rabut (PIERRE TRABAUD), cognominado Pierrot, ela interpretava com bastante calor uma cena de Feydeau, quando Rosseau e François Courcel entraram na sala. O desempenho dos dois aprendizes entusiasmou o diretor, que imediatamente lhes ofereceu um cantroto e logo se retirou, pois grande era a sua pressa, sem ao menos se dar ao trabalho de ouvir Christine. Esta, na qualidade de irmã do autor, estava antecipadamente contratada.

Pierrot e Thérèse não reprimiam a alegria que os dominava à idéia de estrearem num grande teatro parisiense. A fim de festejarem o acontecimento, acompanharam Christine ao «Lorientais». Ela, entretanto, não sentia o mesmo júbilo dos seus colegas. Um complexo mal-estar tornava-a melâncolica, vago ciume em relação à Thérèse, escolhida à primeira vista, enquanto ela...

O «Lorientais», recinto minúsculo e atravancado, ressoava aos écos da orquestra de Claude Luter. Thérèse esgueirou-se até à orquestra, dirigiu um terno piscar de ôlho ao saxofonista Roger Moulin (MAURICE RONET) e aproximou os lábios de seu ovido: Vamos todos para o teatro Saint-Jacques. Rosseau nos deu um papel. Fala com Lucien para que não espere Christine e procura lá por nós.

Roger, filho de um professor, era também uma decepção na família. No Instituto de Altos Estudos Cinematográficos lograra um belo diploma de operador, mas desde então esperara debalde algum trabalho. O pessoal técnico tornara-se seis vêzes mais numeroso que antes da guerra, sem que a produção tivesse aumentado... Os sermes do senhor Moulin pai eram cotidianos, no sentido de convencer o filho a abandonar a desastrada profissão de saxofonista. Homem por certo menos afortunado que o senhor Bonnard, estava exausto de alimentar o filho que nada fazia, pois as pequenas somas obtidas com a orquestra de Claude Luter não lhe bastavam para a manutenção. Roger insistia. Agradava-lhe o ofício e êle esperava, apesar de tudo, conseguir um contrato mais cêdo ou mais tarde. Apaixonado por Thérèse, como Lucien por Christine, o jovem Moulin acima de tudo sonhava passar em companhia de sua eleita os numerosos lazeres que lhe deixara a profissão de músico.

Dentro em pouco os ensáios absorveram completamente os estreantes, fazendo-se necessário, até à noite da primeira representação, que êles se contentassem com breves encontros de longe em longe. Lucien, de seu lado, não andava inativo. Multiplicava as providências para obter os créditos necessrários à sua famosa expedição. No Museu e nos Ministérios felicitavam-no pelo seu projeto e louvavam-lhe o espirito empreendedor. O dinheiro, infelizmente, não vinha...

Entrementes, François Courcel fazia à Thérèse uma côrte discreta, mas assídua. — Estás perdendo tempo — zombava Christine — Thérèse ama

Titulo original:

RENDEZVOUS DE JUILLET

E L E N C O :

Christine Courcel	NICOLE COURCEL
Lucien Bonnard	DANIEL GÉLIN
Thérèse Richard	BRIGITTE AUBER
Guillaume Rosseau	BERNARD LA JARIGE
Levase	LOUIS SEIGNER
François Courcel	PHILIPE MAREUIL
Pierrot Rabut	PIERRE TRABAUD
Roger Moulin	MAURICE RONET
Frédèric	FRANCIS MAZIÈRES.

História original de Maurice Griffe — Fotografia de Claude Renoir — Música de Jean Wiener — Uma seleção «Cofram», distribuida pela França Filmes do Brasil. — Cenarização, diálogos e direção de JAQUES BECKR.

Roger. Maugrado as advertências de sua irmã, François persistia. Não era êle, afinal de contas, o autor da peça? De seu ponto de vista, êsse título não poderia deixar de influir no espírito de uma atrizinha desconhecida. Quando chegar a hora — dizia êle com tanto otimismo como inconsciência — tentarei a sorte... e vamos vêr o que sairá daí!

Quando do ensaio geral, Thérèse e Pierrot foram excelentes. Enquanto os rodeavam e felicitavam, Christine escapuliu em direção ao camarim de Rosseau, entrou e fechou a porta. O diretor, que fazia um pequeno papel na peça, limpava o rosto diante do espelho.

— Ah! E's tú!... exclamou êle alegremente — Mas estás com uma cara... Que aconteceu?

— Ouve,, Guilame, para mim é a catástrofe... — gemeu dolorosamente a estreante. Que idéia é essa? Foi tudo muito bem, melhor do que nos ensaios. Teu traje maravilhoso e estás encantadora!

Medíocres consolações quando se está devorada de ambição e se sabe nulo de talento.

Rosseau tomou-a nos braços: — «Desejei-te muito esta noite... murmurou êle com voz trêmula e quente. Christine repeliu-o:

— Deixa-me Guillame...

— Prometo que hás de ter boas críticas... Eu mesmo tratarei disso.

— Todos me acharam horrível... — repetiu obstinadamente Christine — E também tú, desde o princípio. Nada disseste porque nada te devo — ajuntou iradamente a atriz fracassada — Eu paguei...

Essa cólera súbita divertiu Rosseau.

— A isso é que chamas pagar? — ironizou êle beijando Christine no ombro. Não és nada gentil, sabes?... Desde então, quando em presença de Lucien Christine passou a experimentar um intenso constrangimento. Amava-o, contudo, mas Lucien não era dêsses diante de quem se pode fingir. Seu caráter reto, sedendo de absoluto, impunha à sua atitude uma intransigência invencivel.

Veiu o primeiro dia de folga e todos se reuniram na casa de Mercier para festejar a estréia dos jovens atores. Chegaram em pequenos grupos, carregando discos, garrafas e guloseimas destonadas a abastecer o «buffett». Quando vários pares já dansavam, apareceu Licien. ;

Ouçam todos: — exclamou êle muito excitado — A coisa pegou!... Já podemos partir! Obtive do Ministério da Guerra que a nossa missão se-As «Produções Jupiter» acabam de assinar comigo um acôrdo definitivo ja reabastecida por todos os postos coloniais encontrados em caminho. pelo qual se comprometem a fornecer-nos duas câmeras de filmagem, dez mil metros de película e quinhentos mil francos em dinheiro batido. E mais: o Ministério do Ar pôs dois aviões militares à nossa disposição, a fim de nos transportarem, com o material que levarmos até Brazaville. Terminada a expedição, regressaremos usando meio semelhante. Lucien ficou um pouco surpreendido pela falta de entusiasmo de seus camaradas. Êstes, na verdade, nunca tinham dado muito crédito à realização de tal projeto, e essa partida iminente como que lançava a desordem em suas atuais previsões.

Um após outro, todos tentaram furtar-se ao novo empreendimento. Bernar, o engenheiro de som, conseguira uma colocação modesta, mas efetiva: ia reparar os postes de Telegrafos. Alain, designado como médico da expedição, lamentava não poder abandonar os seus afazeres de início de carreira. Edouard declarava que essa viagem vinha em má ocasião: achava-se, no momento, dando lições de francês a uma americana, uma bonita jovem que muito lhe agradava...

— Não, não é possivel! — bradou Lucien indignado — E eu que pensei partir com tôda essa gente!... Tipos desprezíveis, eis o que são todos vocês! Continuem a raciocinar assim e verão o que lhes acontece: serão varridos, esmagados, pulverizados! Quer dizer que esperam vencer na vida tranquilamente, sem nada arriscarem? Esperar a sorte sem fazê-la nascer?... E tú, Moulin. Como tú, Bernard, que cursaste anos de estudo no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos para te tornarem operador, mas tocas saxofone no «Lorientais» ao invés de trabalhares em teu verdadeiro ofício! Se procurasses de verdade, acabarias encontrando o que te faz falta!... Sim! — insistiu Lucien a sinal negativo de Roger — Dizes que não se produzem muitos milmes na França? E' possível, tú conheces-o assunto, eu não. Mas de uma coisa eu sei: é que comigo tú vais fazer filmes! Quando voltarmos de nossa viagem e todos virem o que fizeste!... Lançando um olhar sôbre o grupo embaraçado, o jovem fêz ouvir um vibrante apelo: «Vamos, despertem, meus amigos! Se se deixarem ficar por aí vivendo como sêres embrutecidos, resignados à passividade de uma existência medíocre, jámais farão qualquer coisa de satisfatório...

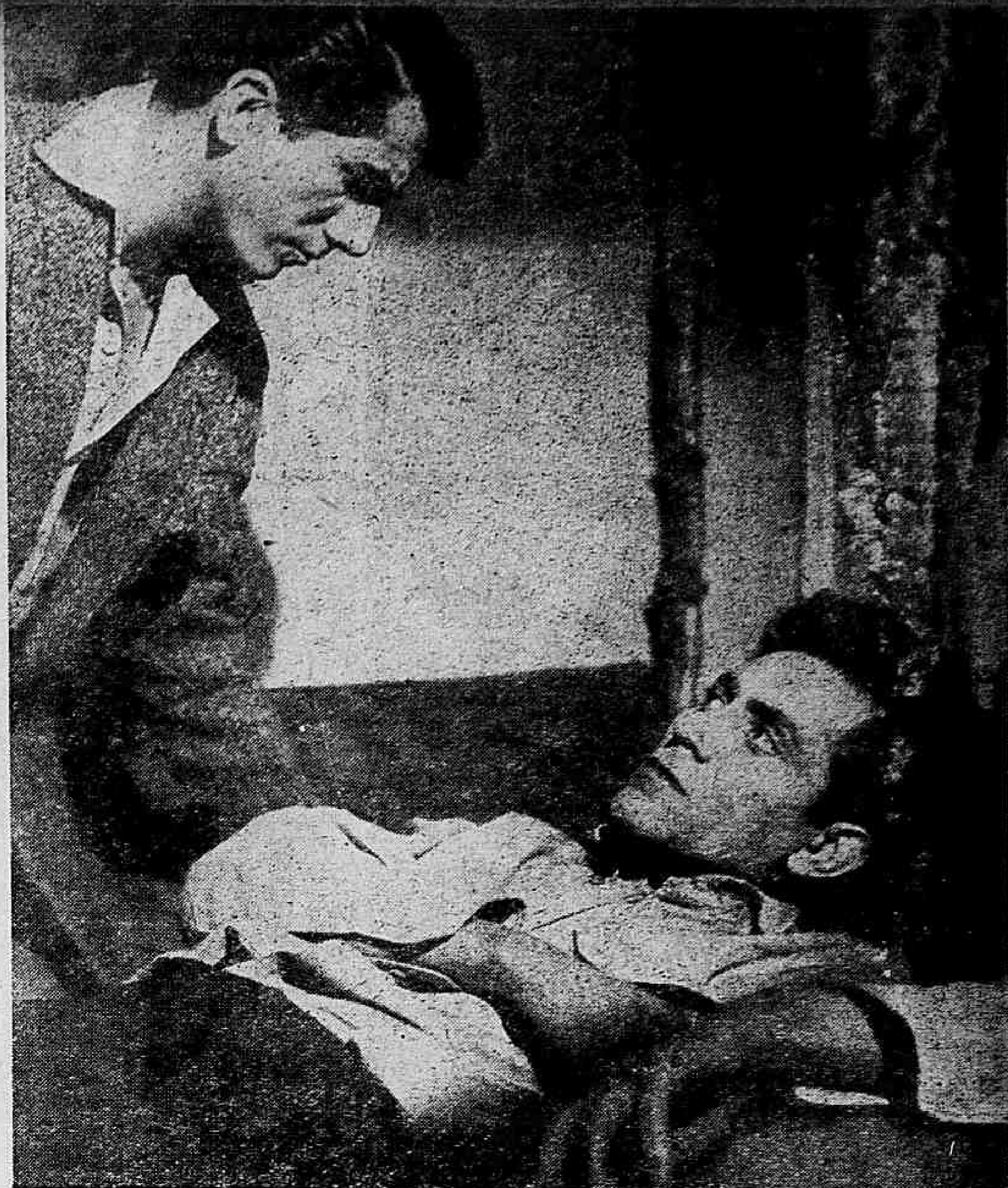
Alain, o primeiro que se esquivara, adiantou-se: — Tens razão, Lucien. Vou contigo. Eu também, decidiu Bernard, enquanto os demais, ainda hesitantes, davam mostras de estarem de acôrdo.

A ceia foi loucamente alegre e a dansa prosseguiu. Com a palavra despertada pelo calor, os vinhos e o fogo da discussão, Lucien aproximou-se de Christine. Por sua vez, Roger se isolava em companhia de Thérèse. — Então vais partir? — suspirava tristemente esta última. Vais deixar-me... Thérèse — disse êle bruscamente em tom suplicante — quisera que tu fôsses minha espôsa... agora...

— Não, Roger... não faças isso! Quándo eu for uma grande atriz, nos casaremos.

— Tu não me amas, pergunta-lhe Roger. A jovem ia replicar com um protesto veemente quando Lucien, triunfante, interrompeu-a: Estamos noivos! Exclamava com um entusiasmo fora do comum. Christine, ao seu lado, tentava sorrir, mas dissimulando mol o seu constrangimento. Que foi que aconteceu? — Indagou Moulin, pois uma tal decisão não se enquadrava em seu plano comum de se estabelecerem sòlidamente na vida, antes de se casarem. Ao voltar da expedição, desposarei Christine! — repetiu Lucien — Agora, vamos dansar!

(Cont. na pág. 27)



Guilaume Rosseau podia ser um patife, mas não tinha culpa pelo sucedido. Por isso, Lucien deixou-o em paz...



Christine sentia-se constrangida. Apesar de seu amor por Lucien, não sabia como revelar-lhe tôda a verdade. Tinha certeza que êle não a aceitaria mais...

UMA MULHER AINDA SEM HISTÓRIA...



VOCÊS, decerto, não a conhecem, nem sequer de vista. Por ocasião do Festival de Cinema de Punta del Este, no Uruguai, dizia-se que seria ela uma das figuras máximas de Hollywood que por aqui passaria, em trânsito para o país irmão, juntamente com Joan Fontaine, Lizabeth Scott e outros luminares da tela. Mas isso não se deu. Por que? Não o sabemos ao certo, embora houvesse alguém afirmado que a nova «star» fôra impedida de viajar então, por secretos motivos de amor... Ah! os «gossips» que circulam a respeito dessas lindas e, em geral, tormentosas figuras da sétima arte... De qualquer modo, Faith Domergue — êste o seu nome — vale por um acontecimento na dourada rotina do «screen», onde quase tudo se sucede como estava previsto, ainda que em caráter ofuscante...

A exemplo dos povos felizes e das mulheres honestas, esta jovem morena, de olhos inquietantes como uma noite de alarme aéreo numa grande cidade — ainda não tem, pròpriamente, uma história. Pelo menos, uma história que interesse muito o fã. Seu passado começa, pode-se dizer, no instante em que Howard Hughes — o descobridor de Jean Harlow e, mais recentemente de Jane Russell, a sensacional artista classificada «O Busto» — pousou-lhe em cima o olhar «clínico» e quedou em êxtase, imaginando-a na pele da heroína de «Vendetta», o filme que tem sido o seu sonho de seis anos consecutivos e que só agora vem de ser terminado, na RKO. Aí, então, surgiu para o mundo uma forte personalidade artística encarnada numa das mais formosas imagens femininas que se deseje. Entretanto, como «Vendetta» ainda não foi lançada aqui, será através de «Trágico Destino» (Where Danger Lives) também da RKO e de que estampamos aqui algumas fotos, que o público travará relações com Faith Domergue. E cuidado com essas relações, mesmo à distância — da poltrona de uma sala de projeção, para o quadro negro do «movie», onde deslizam as sombras vivas mais palpáveis e amigas do século — porque essa deliciosa «brunette», descendente do grupo de franceses e espanhóis que se radicou há 200 anos, nos velhos solares do Vieux Carré, o quarteirão francês de Nova Orleans, tem produzido cada incêndio psicológico, por aí afora...

Bem, falemos um pouco também do filme em que ela é apresentada. Trata-se de um enrêdo forte, audacioso até nas suas côres trágicas, filmado bem depois de «Vendetta», ou seja, há poucos meses, tendo por produtor e diretor John Farrow, o marido de Maureen O'Sullivan, a qual, aliás, está no elenco, voltando assim a atuar após dois anos de ausência. Robert Mitchum lidera o «cast», num papel que, guardando tôdas as proporções de violência características do feitio dramático dêsse artista, apresenta marcas sutilíssimas, fazendo com que êle surpreenda as platéias sob um novo aspecto de sua capacidade interpretativa.



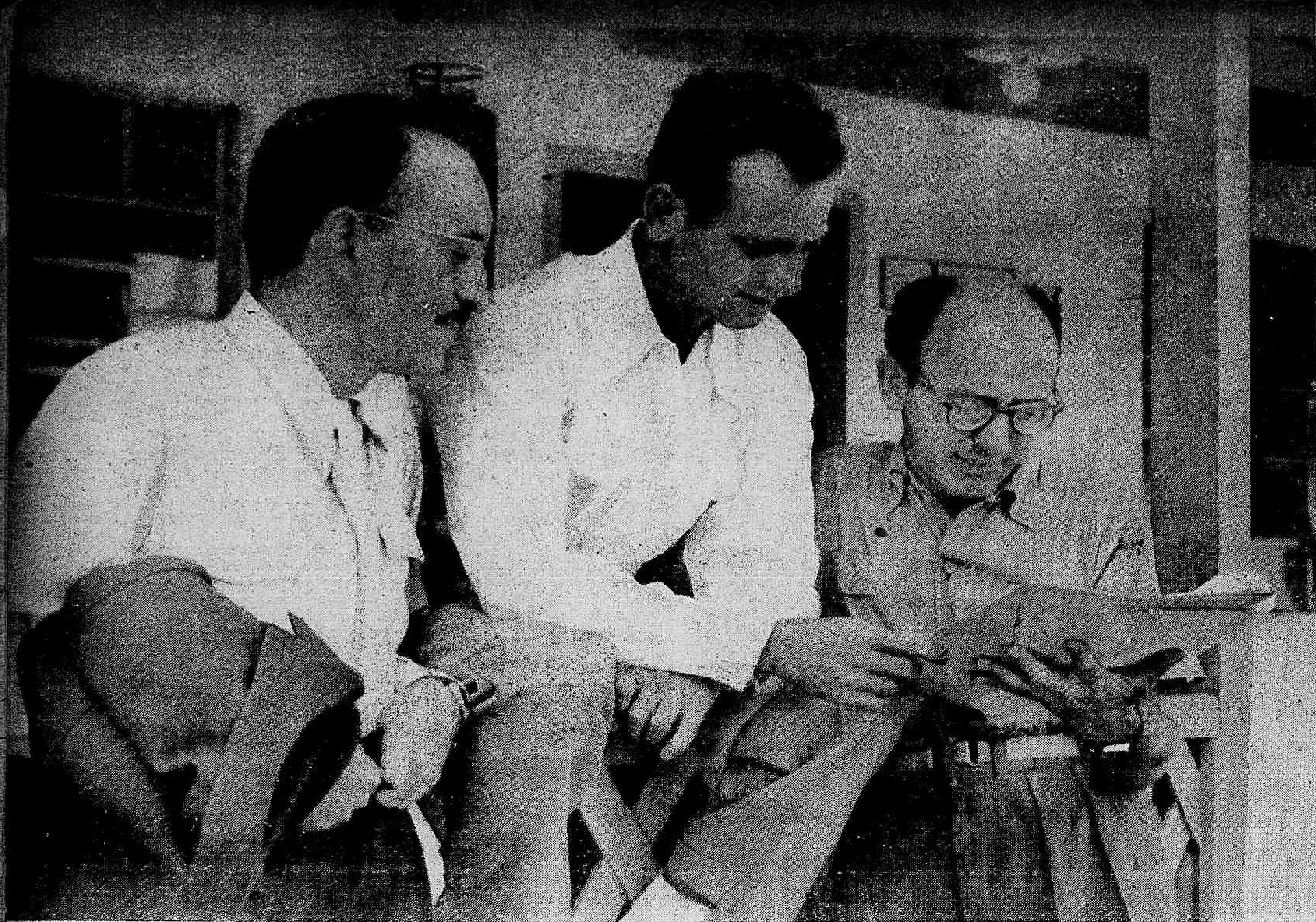




Faith Domergue faz sua primeira aparição na tela em «Trágico Destino», ao lado de Robert Mitchum. Nessa película, o público fica preso de verdadeira tensão nervosa, devido à interpretação impressionante de Faith. Dizem os críticos que ela será uma das grandes revelações do ano.







Alex Viany e Carlos Ortiz, quando falavam à reportagem de «A CENA», em São Paulo.

DA TEORIA À PRÁTICA

DOIS JORNALISTAS, CRÍTICOS CINEMATOGRÁFICOS, FAZEM SUAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A CÂMERA ★ EMOÇÕES IMAGINADAS E EMOÇÕES SENTIDAS ★ EM QUE PONTO SE FUNDEM A FICÇÃO E A REALIDADE ★ CONHECIMENTOS TEÓRICOS QUE CAEM POR TERRA AO CONTATO COM A REALIZAÇÃO PRÁTICA ★ ALEX VIANY E CARLOS ORTIZ — DUAS PENAS A SERVIÇO DA CINEMATOGRAFIA NACIONAL 20 PERGUNTAS À QUEIMA-ROUPA

Responde **ALEX VIANY:**

P. — **Quando começou a escrever? Onde?**

R. — Dizia-me mamãe, orgulhosamente, que eu preferia fazer composições a ditados já no curso primário. Aos doze ou treze anos, depois de ter iniciado um romance épico que se chamaria «Entre Selvagens», possivelmente influenciado por «Tarzan, o Tigre», que vi num finado cinema de Cascadura, meu subúrbio natal, comecei a escrever sôbre cinema, para a minha auto-recreação. Foi então que Pedro Lima, através do «Diário da Noite» do Rio, iniciou um concurso intitulado «O que pensam os fãs». Como eu era um fã muito pensativo, bombardeei-o com pequenos artigos. Depois, comecei a ir à redação para conversar com êle. Ainda rapazola, passei a fazer a seção «Pergunte o que quiser», da revista «Carioca». Mais ou menos em 1939, virei contista bissexto, e até hoje só consegui completar quatro contos. Devido aos afazeres jornalísticos, os demais ficaram em projeto, assim como os romances que há muito penso escrever. Mudei-me para a revista «O Cruzeiro» em 1942, e em abril de 1945 parti para Hollywood como seu correspondente. Aproveitando a estadia lá, estudei um pouco de cinema, não só como observador, nos estúdios, mas também em dois cursos, nos quais os meus professôres foram Edward Dmytryk, Adrian Scott, Herbert Biberman, Carl Foreman, Paul Ivano e outros. Em fins de 1948, voltei ao Brasil, tendo adquirido uma acentuada ojeriza pelas coisas de Hollywood. Tinha uma nova paixão: a política; e escrevi artigos para «Panfleto» e «Argumentos». Depois, além de artigos esparsos, fiz crítica para A CENA MUDA e para a Rádio Ministério da Educação. Atualmente, colaboro em diversas revistas estrangeiras e nacionais, dou aulas de cinema no seminário do Museu de Arte de São Paulo, e dirijo a revista «Filme», com Vinicius de Morais. E, naturalmente, trabalho para a Maristela como cenarista, esperando dirigir dentro em pouco.



P. — **Quando se manifestou o primeiro desejo de entrar no campo prático?**

R. — Não sei bem, mas foi há muito tempo. A princípio, eu não ousava confessá-lo. Depois, comecei a procurar um lugarzinho para mim no cinema brasileiro.

P — **Tem aplicado os seus conhecimentos teóricos na prática?**

R. — Tenho, e acho que com bons resultados. O primeiro cenário que escrevi, «Última Noite», feito em princípios de 1949, será agora filmado pela Maristela. Estou terminando uma revisão dêle, e fiquei satisfeito ao verificar que, mesmo depois do período de prática que tenho tido no último ano, poucas modificações êle exige. Ao contrário do que dizem os donos do cinema brasileiro, a teoria é indispensável, e não acredito mesmo em quem zomba dos fãs estudiosos, que

andam com Culechov debaixo do braço.

P. — Tem sido recompensado o seu esfôrço?

R. — Até agora, não. Certo ou errado, julgo-me preparado para dirigir. No entanto, vejo que outros menos preparados recebem melhores oportunidades. Mas vou aproveitando o intervalo para aprender mais, contando com o futuro.

P. — Que fêz até agora no cinema?

R. — Como já disse, escrevi o primeiro cenário de «Última Noite» em 1940. Em meados de 1950, tive o prazer de trabalhar com Rui Santos em «Aglaia», filme inacabado, que deverá ser terminado agora. Foi uma ótima experiência prática, e tive mesmo a excelente oportunidade de colaborar com Rui e Jorge Deli numa revisão do cenário. Além disso, fui assistente de Rui na direção, com grande proveito para mim. Gostei do trabalho de equipe, e também de ter conhecido Rodolfo Nanni, um rapaz paulista estudante do Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, de Paris, que agora se prepara para fazer «O Saci», de Monteiro Lobato, para a nova Brasiliense Filmes.

P. — Que está fazendo atualmente?

R. — Como já disse, termino a revisão de «Última Noite», cuja direção, infelizmente, não me caberá. Mas espero funcionar como assistente geral, e estudar mais um pouco. A Maristela deu-me também o encargo de colher material para um futuro filme sôbre choferes de caminhão, e até já fiz uma viagem de caminhão. Talvez eu próprio escreva o argumento e o cenário. Fora isso, aproveito os poucos momentos de folga para preparar o terceiro número de «Film», e escrevo artigos.

P. — Acha que sabe o suficiente, pelos livros, ou está aprendendo alguma coisa?

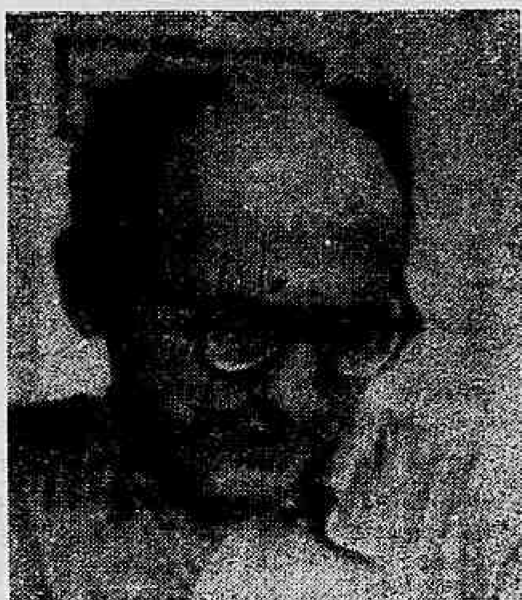
R. — Agora que estou na prática, dependo mais que nunca dos livros. Com a prática, os livros tornam-se mais claros, e posso compreendê-los muito mais depressa. Ninguém sabe o suficiente sôbre cinema, talvez a mais complexa e mais completa das artes. Afinal de contas, o cinema só tem cinqüenta anos, e muita coisa ainda precisa ser explorada.

P. — Qual a sua opinião sôbre o panorama cinematográfico nacional atual?

R. — Evidentemente, o cinema brasileiro está entrando, por fim, numa fase de industrialização intensa. Por um lado, isso é ótimo, uma vez que abrirá caminho para todos os que querem praticar cinema. Por outro, traz as desvantagens da industrialização, que são muitas. Em primeiro lugar, há o perigo da excessiva comercialização, que são muitas. Em primeiro lugar, há o perigo da excessiva comercialização dos argumentos, dos artistas e dos diretores — e mesmo os cineastas mais inteligentes podem ficar viciados, tal como aconteceu em Hollywood. O ideal é que os produtores independentes, melhorando o seu padrão técnico com a ajuda dos bons estúdios que se constroem, continuem a lutar pelo alevantamento artístico do cinema nacional. Os grandes estúdios, lògicamente, pensarão em fazer dinheiro antes de pensar em fazer filmes artísticos.

P. — Que falta ao cinema indígena?

R. — Mais do que tudo, orientação. Orientação artística, técnica, estética, comercial, industrial. No momento, já temos uma certa orientação. Mas precisamos de muito mais. E também é preciso que os estúdios e produtores se animem a dar oportunidades aos valores brasileiros, limitando a importação de técnicos estrangeiros. O mais urgente — e espero que o Conselho Nacional de Cinema, em formação, possa fazê-lo — é o estabelecimento de uma escola de cinema, nos moldes do I.D.H.E.C. de Paris. Sem a formação de técnicos e artistas nacionais, não haverá cinema brasileiro. E os estúdios, sòzinhos, não podem arcar com tôda a responsabilidade de formar técnicos. O ideal seria que recebessem técnicos já formados, com alguma experiência prática. Quanto ao material humano, no que se refere ao campo interpretativo, acredito plenamente no povo brasileiro. Uma vez havendo bons argumentistas e diretrizes, os atores aparecerão, assim como



apareceram na Itália, colhidos por Rossellini, De Sica, Castellani, Visconti e outros, em suas próprias tarefas cotidianas. Mas, com tudo isso, uma escola para atores cinematográficos também é urgentemente necessária.

P. — Em quanto tempo calcula o desenvolvimento industrial e artístico de nosso cinema para chegar a um nível de produção sistemática de linha?

R. — Acho que teremos uma indústria cinematográfica proficiente dentro de uns cinco anos, se tudo continuar como vai indo. Quanto ao nível artístico, é outra história, e depende de tantos imponderáveis que nem me arrisco a dar palpite. No entanto, é óbvio que só teremos um bom cinema quando o Brasil oferecer condições sociais e políticas aos cineastas propícias à exploração honesta de assuntos e problemas genuinamente brasileiros. Por enquanto, estamos no período água-com-açúcar.

P. — Prefere criticar ou realizar?

R. — Como ainda não realizei, é difícil responder. Mas acho que prefiro as duas coisas, e só espero guardar o meu senso crítico diante de meus próprios filmes futuros.

P. — Teria coragem de fazer uma auto-crítica de seu trabalho, depois dêste apresentado ao público?

R. — Penso que sim. Na verdade, minha formação obrigar-me-ia a isso. Como já indiquei antes, a pior coisa que poderia acontecer-me seria perder o senso crítico diante de meus próprios trabalhos.

P. — Que ramo da cinematografia gostaria de abraçar?

R. — Todo o campo cinematográfico é extremamente fascinante, e tenho curiosidade por tudo. Mas quero dedicar-me especialmente à cenarização e à direção, esperando poder escrever e dirigir os meus próprios filmes.

P. — Dentro do ramo escolhido, que gostaria de realizar? Acha que tem possibilidades para isso?

R. — Tenho todo um programa de trabalho, mas não sei quando poderei realizá-lo. Tudo depende das condições e políticas do Brasil, como já disse antes. Não acredito em cinema formalístico, acho que o conteúdo é tudo, e quero fazer filmes sociais. No momento, isso é impossível. Não há ambiente, sob qualquer ponto de vista. Quando houver — e tenho a certeza de que isso não demorará muito — sei que, como todos os demais cineastas bem intencionados, terei amplas possibilidades de trabalho.

P. — Qual a situação do cinema nacional em face do cinema mundial?

R. — No momento, o Brasil é, cinematogràficamente, um ponto apagado do mapa. Internamente, o cinema nacional já é um sucesso comercial, e tende a se tornar ainda mais forte. Dentro em pouco, tal como aconteceu em outros países, começaremos a sentir mais a pressão dos monopólios norte-americanos, que espernearão ao sentir a mordida dos filmes brasileiros no mercado brasileiro. Quando estivermos prontos para conquistar mercados estrangeiros, sentiremos ainda mais a pressão norte-americana, como têm sentido os inglêses, os franceses, os italianos, os mexicanos, os argentinos e os suecos. Mas, certamente, haverá uma grande reviravolta no mundo, e então teremos uma distribuição melhor de mercados e fornecedores.

P. — Gostaria de realizar algum filme fora do país?

R. — Sem dúvida, logo que me fôsse dada a oportunidade. Como não é proibido sonhar, eu gostaria, por exemplo, de fazer, algum dia, uma versão de «Grande e Estranho é o Mundo», de Ciro Allegria, no Peru, se possível com Figueroa à câmera.

P. — Está satisfeito com seu trabalho no cinema?

R. — Não. E, provàvelmente, nunca estarei. Mas espero ter uma boa dose de satisfação quando puder realizar filmes conseqüntes sôbre assuntos importantes do Brasil.

Responde CARLOS ORTIZ:

— Comecei a escrever sôbre cinema por volta de 1945, para «Cine Palas», uma revista de Taubaté, no Vale do Paraíba. Em 1947 disputei o lugar de crítico cinematográfico da «Fôlha da Manhã», de São Paulo, num renhido concurso. Ganhei-o e passei a colaborar diàriamente nesse matutino, não só como crítico, mas também como cronista e repórter cinematográfico. Nesse ínterim, escrevi também para várias revistas de cinema do Brasil e do exterior. Compilei uma «Cartilha do Cinema» e escrevi o «Romance do Gato Prêto», uma história breve do cinema, que aguarda as boas vistas de algum editor nacional.

— E' impossível aprofundar os problemas históricos, estéticos e técnicos do cinema sem sentir muito breve o apêlo da câmara e o convite dos estúdios. O cinema nunca me interessou como pura especulação. Vi-o sempre, mesmo remotamente, como meio de expressão, de comunicação humana e social. Aguardei pacientemente, estudando e escrevendo, a primeira oportunidade de dirigir um filme. Esta surgiu quando, no ano passado, a «Lotus Filmes Ltda». me convidou para rodar a «Alameda da Saudade», à base de um argumento e roteiro que eu mesmo fizera.

— Tenho aplicado na prática, sempre que possível, os meus conhecimentos teóricos. Nunca vi um princípio teórico desmentido categòricamente na prática do roteiro ou da filmagem. Ao contrário, sou o primeiro a confessar que se «Alameda da Saudade» ainda tem erros, êstes correm por conta da impossibilidade em que por vêzes me vi de realizar tècnicamente, aquilo que na teoria do roteiro estava certo. Sofri tremendamente destas limitações sobretudo com referência ao parque de luz, de que nos utilizamos, que não permitia realizar com a perfeição ideal aquilo que eu concebera na minha história. Hoje, porém, mais do que nunca, confio nos livros. Feita a síntese da teoria com a prática, procuro aprofundá-las ambas, pensando nos filmes que pretendo rodar no futuro. Tenho pena dos sabichões que se julgam doutores de cinema e fazem pouco caso dos que o estudam. Se não me empolga o estetismo puro dos que só se ocupam da teoria, muito menos me empolga o empirismo dos que desprezam a letra de fôrma. A técnica dos estúdios domina-se em alguns dias. Mas os problemas estéticos, humanos e sociais, que o cinema implica, exigem estudo constante, paciente e beneditino. O cineasta não se improvisa.

— Atualmente, enquanto uma outra equipe dubla e monta a «Alameda da Saudade», estou trabalhando na Cinematográfica Maristela como escritor de argumentos, roteiros e diálogos, ensaiador, diretor de documentários e colaborador de direção artística. Prometeram-me um filme para dirigir. Quando, não sei.

— O panorama atual do cinema brasileiro é dos mais animadores possíveis. Em São Paulo fundamos no Museu de Arte um Seminário de Cinema que conta 150 alunos e a freqüência média de 90%. Tem sido um ninho de futuros cineastas, sendo que aos alunos nele matriculados a Maristela acaba de oferecer 20 vagas de aprendizado, nos mais variados misteres de seus estúdios. E' a primeira vez no Brasil que uma companhia cinematográfica vai procurar seus futuros técnicos numa escola de cinema. Outro fenômeno animador é o dos cineclubes. Dos 40 que hoje existem no Brasil, 25 estão na capital e interior de São Paulo, criando condições psicológicas e culturais para um bom cinema. Do ponto de vista industrial, só posso falar com maior conhecimento de causa sôbre o que ocorre em São Paulo, de 1949 para cá. No espaço de um ano constituíram-se na capital bandeirante duas companhias cinematográficas que, pela sua organização, pessoal e equipamento, supera tudo quanto de há muito havia no Brasil. Refiro-me à Vera Cruz e à Maristela.

— Prefiro realizar a criticar. Vocês me perguntam se eu teria a coragem de fazer a autocrítica de um

(Cont. na pág. 27)

VALENTINO

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— Êle é formidável! — gritou Towers, enquanto abria caminho através dos convidados para se aproximar do casal.

Não havia nenhuma dúvida na mente de pessoa alguma sôbre quem interpretaria o papel de Júlio, na luxuosa produção de Mark Towers.

★

O nome de Rodolfo Valentino se nacionalizou em todos os países, depois daquele filme, passando a significar "O Grande Amante".

Logo depois da "première", recebi um telegrama de Nova York que dizia: "Envio-lhe uma passagem para Hollywood. O seu negócio começa a dar lucros".

Cheguei para encontrá-lo uma sensação. Multidões de fãs delirantes o perseguiam, cortavam a sua roupa, tentavam beijá-lo, em todos os lugares onde o seu rosto aparecia. A sua correspondência exigia oito horas diárias de uma dúzia de secretários e estenógrafos. Rudy finalmente teve de pedir proteção à polícia, a fim de poder ir de casa para o estúdio e vice-versa.

Mas a única pessoa que tinna alguma significação para êle continuou evitando-o. Joan Carlisle lhe recusava todos os convites e quando os dois se encontravam numa festa ou no estúdio, ela se portava delicadamente, mas mantendo a distância.

Uma noite, o diretor William King resolveu fazer uma visita a Joan. Encontrou-a lendo, deitada na "chaise-long". O seu propósito era convidá-la para o lanche de Rudy no dia seguinte, mas quando externou o convite, ela respondeu sêcamente que não.

Tillie, a criada, interrompeu-os para entregar um imenso "bouquet". Nêle vinha um cartão impresso, um convite para o lanche do dia seguinte e Rudy escrevera na margem: — "Você não vai deixar o lugar juntinho de mim vazio durante tôda a tarde, vai?"

King olhou-a curiosamente.

— Ah! Então tenho um rival!

— Não seja tôlo. Essa é a maneira de Rudy fazer um convite — sorriu Joan.

— Rudy! Bem! Pelo menos êle é um adversário digno de mim — êle sentou-se junto a ela, na chaise. — Eu não culpo nenhum homem por tentar.

— Nem todos os homens me vêem através de seus olhos, querido.

King tomou a sua mão e beijou-a delicadamente.

— Aqui estou eu, — disse êle sèriamente — um homem cujo mister é fazer com que as histórias tenham um fim feliz. Mas não consigo fazer com que a minha própria história de amor passe do terceiro rôlo.

Joan permaneceu calada por um momento. Murmurou:

— Você não gostaria que eu desempenhasse o papel a não ser que o acreditasse, pudesse senti-lo, acima de tudo e inquestionàvelmente.

Logo depois King se despediu, deixando a casa da estrêla cabisbaixo.

Mas Rudy não era vencido tão fàcilmente. Na tarde seguinte êle não compareceu para o lanche em sua homenagem e seguiu o carro da estrêla, que rumava para Arrowhead, onde ela ia descansar. Ali, quando Joan reconheceu o seu carro, fêz uma curva e voltou. No fim da semana seguinte, Rudy emergiu de dentro do mar, próximo ao local onde ela descansava na praia solitária.

— Você não está pensando em fugir de mim êste fim de semana? — perguntou êle alegremente. Se ela o fizesse, podia ficar certa de que teria de fugir no próximo e no próximo, indefinidamente...

Como êle soubera que ela estaria aqui? Subornara Tillie. Luxuosamente.

— Rudolph Valentino — ela gritou, uma vez mais — você é louco!

Êle se aproximou de Joan.

— Sempre fui louco por você! Completamente louco!

★

Joan já não podia negar que estava apaixonada por Rudy e sòmente êle ocupava os seus pensamentos. Assim, muito simplesmente, ela deixou de fingir. Mas, conhecendo-o bem, não conseguia ter certeza se era ela realmente que êle desejava ou pelo mero fato de ela ser a mulher que lhe resistira.

— Posso ter certeza de você? — perguntou-lhe ela, enquanto os dois dançavam no terraço do hotel em Laguna, aquela noite. — Agora que você me possui, o que fará comigo?

— Carrega-lá-ei em minhas mãos como uma jóia preciosa — Rudy respondeu, enquanto a acariciava. — Levantá-la-ei acima do mundo, por entre as estrêlas...

No momento isso era o bastante e Joan deixou as suas dúvidas de lado.

Algumas noites depois, quando do carro êles avistaram as luzes de Hollywood, Joan murmurou:

— Parece impossível encontrar tanta felicidade em três curtos dias.

Êle sorriu.

Vamos deixar tudo como esta noite, a passada e a anterior.. o resto de nossas vidas.

— Mas, querido, devemos ser conscientes. Não podemos continuar assim, vivendo um dia de cada vez, como se nada mais existisse. Que nós temos um ao outro marca o início de tudo.

— Ora, nós somos os maiores felizardos do mundo! — exclamou Rudy. — Cada um de nós tem posição, segurança, sucesso. E, para tornar o caso perfeito, temos a nossa liberdade.

Ela examinou o rosto de Rudy estranhamente.

— Você se sente *livre* neste instante? Está satisfeito que nos vejamos apenas quando estamos de veneta? Nenhuma ligação? Nenhuma responsabilidade? Apenas amigos?

Êle assentiu com a cabeça. A coisa mais maravilhosa sôbre êles era a maneira como ambos contemplavam a vida, disse Rudy. Joan suspirou profundamente.

— Agora compreendo que estava enganada — o que ela realmente desejava era estar junto dêle, com êle viver tôda a sua vida. Então ela teria tudo a que poderia aspirar.

Uma sombra se projetara sôbre o rosto de Rudy. Êle tinha mêdo do casamento, mêdo de ver a mulher a quem amava transformada simplesmente numa espôsa.

— Para mim, — disse êle sòbriamente — o casamento, mesmo com você, significaria o fim de tudo.

— Como isso deve ter lisonjeado a sua vaidade, o fato de me ter reduzido ao mesmo nível de tôdas as outras mulheres de sua vida — disse ela amargamente. Mas tinha de agradecer a Rudy: — Você me devolveu Joan Carlisle — uma pessoa que nunca mais será a dona de suas emoções.

★

Joan e William King casaram-se numa cerimônia íntima na casa de Mark Towers. Rudy, como padrinho, agiu como um exemplo de auto-contrôle. Mas pelo menos duas pessoas ali o olharam curiosamente: Lila Reyes e o jornalista Eddie Morgan. Lila, porque conhecia Rudy; Morgan, porque era o seu dever conhecer os segredos da vida íntima de Hollywood.

Lila disse a Rudy o que pensava, aquela noite, durante o correr do jantar no terraço da casa da grande sensação. Mais tarde, quando êle a tomou em seus braços, ela murmurou:

— Você fêz isso como um homem que sabe cumprir com os seus deveres. Você não aprendeu que não há substituto para aquilo que realmente se quer?

Rudy deixou-a e foi abrir uma garrafa de champagne. Ela continuou, falando suavemente:

— Você está tentando provar para si mesmo que não se importa. Que não deixou que algo precioso desaparecesse de sua vida para cair nos braços de outro homem.

Rudy sorriu e estendeu a mão para apanhar um copo.

— Se é êsse o efeito que dois copos de champagne fazem à sua imaginação...

Lila pôs os seus braços em redor dêle.

— Deixe que a minha imaginação trabalhe, querido. No mundo está borbulhando, feliz e dourada, e como o vinho neste copo.

No correr dos anos seguintes, Rudy fêz um filme atrás de outro. "A Águia"; "Sangue e Areia", "Monsieur Beaucaire". E muitos outros. E também vivia intensamente. Como seu secretário, eu tinha um bocado de trabalho para pagar as suas contas. Dava festas freqüentemente, e assim via os Kings, assim também como Lila. Eu estava interessado em fazer com que êle mantivesse uma amizade casual com Joan, que lhes salvava da tortura das lembranças.

Uma noite, Rudy deu uma festa em sua casa nova. Joan, King, Lila, Towers, todos estavam ali Foi nessa noite que Towers fêz com que desmoronasse a paz que Rudy mantinha, ao lhe trazer o cenário de "The Sheik" .Uma das maiores histórias de amor jamais escritas. E, pela primeira vez, Joan Carlisle deveria trabalhar ao seu lado, interpretando o papel feminino.

Não havia nada que êles pudessem fazer. King fôra escolhido para dirigir o filme, que deveria ser iniciado imediatamente...

O trabalho era um tormento. Durante as filmagens das cenas de amor, a todo instante Rudy interrompia para queixar-se a King.

— Eu não acredito nisso! Não posso fazer êsse papel.

King os olhava, confuso, perguntando a ambos:

— Que é que há com vocês, tão bons atores? Vocês deviam ser capazes de extrair o máximo destas cenas. Renda-se a êle, Joan. Não lute, não resista... e você, Rudy, deixe o barco correr! Dê um pouco daquele *negócio* de Valentino.

Finalmente, os dois não lutaram para esconder os seus verdadeiros sentimentos. Pondo os braços em redor de Joan, Rudy resumiu o seu diálogo:

— *Como poderá algum de nós fugir do inevitável?"*

Os seus olhos, fixados no rosto do outro, fulguravam de emoção. E, sùbitamente, êles se beijavam, esquecidos de tudo e de todos.

King os olhou. Parecia ter dificuldade para falar. Finalmente, disse, vagarosamente: "Pode cortar e mandar imprimir."

★

Mas eu andava muito preocupado com Rudy. Estava apaixonado por Joan e Towers o forçara a contracenar com ela por mais alguns filmes. No entanto, o que mais me atormentava era o fato de Rudy estar sofrendo do estômago, em virtude de um acidente que sofrera durante as filmagens de "A Águia". Finalmente, persuadiu-o a consultar um médico.

O estado de saúde de Rudy era sério. Êle tinha uma inflamação crônica no apêndice, o médico disse, provàvelmente piorado em virtude do acidente sofrido. Deveria ficar de cama por diversos dias e então o seu apêndice deveria ser retirado.

Mas Rudy não ficou de cama. Aquela noite recebeu um telefonema de Joan, insistindo que necessitava vê-lo. Relutantemente, êle concordou em se encontrarem em sua casa de Malibu.

Joan desejava comunicar-lhe que ia abandonar William King, pois não podia viver fingindo. Valentino concordou. Nesse instante, enquanto os dois se beijavam, alguém bateu à porta. Quando Rudy a abriu, o repórter Eddie Morgan estava sorrindo maliciosamente. Há muito êle desconfiava de um "affair" entre os dois. Um fotógrafo tirou uma fotografia.

Rudy mandou que Joan apanhasse o carro. Êle ficou atrás para tomar a máquina fotográfica e quebrá-la. Na briga que se seguiu, Rudy conseguiu despedaçar a máquina, mas também destruiu um pouco de sua vida. Voltou para dentro de casa com as mãos apertando o abdomen.

Dentro da casa, Morgan o confrontou.

— Que você pensa que ganhou, seu grande herói? Quer dizer que

(*Cont. na pág.* 26)



William Holden
(Paramount)

COLUNA DO FÃ

Por enquanto não temos tido o prazer de ver em nossas telas as produções polonesas, a não ser em exibições exclusivas de cine-clubes algumas das grandes obras da Polônia, o imortal berço de Chopin, e pela exibição, no ano passado, do excepcional filme húngaro de Geza Radvanyi e Bela Balazs «Valahjol Europaban» (Em qualquer parte da Europa), tivemos uma pequena amostra do que deve ser a colossal cinematografia nas jovens democracias populares, e o agrado despertado pelos «curta-metragem» poloneses, além de «Ostatni Etap» (Última Etapa) de Wanda Jakubowska, prova bem a excelência dessa cinematografia progressista, sendo estas as palavras de um observador, publicadas no «Boletim Informativo Mensal», do Bureau de Informações Polonesas, n. 1, de janeiro de 1951:

«Nos últimos meses, o público brasileiro teve a oportunidade de assistir a numerosos filmes de curta metragem poloneses de produção recente, bem como à famosa «Última Etapa», cuja realizadora, Wanda Jakubowska, acaba de ser distinguida com o Prêmio Internacional da Paz.

Registramos aqui a importante participação da Polônia no Festival Mundial de Cinema, realizado no Rio, em dezembro último, a sua presença no atual Festival do Museu de Arte Moderna de São Paulo e a apresentação de «Uultima Etapa» em Salvador, pelo Clube de Cinema local.

Foi das melhores a impressão causada no Rio por filmes como «Carta do Mineiro», «Terra e Juventude», «Artéria Leste-Oeste», «Dragão de Cracóvia» e, sobretudo, «Berço de Chopin», premiado como o melhor filme de curta metragem com enredo.

Trata-se de uma produção dirigida por Eugênio Cekalski, sôbre a aldeia natal de Chopin. A excelente fotografia deve-se ao operador Wladyslaw Forbert, e a montagem, muito elogiada por alguns críticos, estêve também a cargo de Cekalski. O acompanhamento musical foi gravado por um dos laureados do IV Concurso de Chopin do ano passado — o pianista polonês Wladyslaw Kedra.

O filme salienta o caráter nacional da música chopiniana e vai até às suas fontes populares, mostrando como nela transparecem todos os elementos da gleba polonesa, tal como a conheceu Chopin: a paisagem da Masóvia, a miséria sem perspectiva do camponês semi-servo, em contraste com o confôrto da mansão senhorial.

O pequeno camponês Maciek Smuga, embora tenha talento musical, se vê forçado a contentar-se com a sua rústica flauta. A arte é um monopólio da mansão, guardada com todo o ciúme.

Porém, 100 anos mais tarde, um descendente de Smuga tocará o «Estudo Revolucionário» na casa natal de Chopin, enquanto diante de nossos olhos passarão imagens da atual Zelazowa Wola, pulsando a uma nova vida.

Notemos ainda que Eugênio Cekalski, o realizador de «O Berço de Chopin», foi êste ano contemplado com o Prêmio Artístico do Estado, pelo seu último filme de longa metragem, «Duas Brigadas», feito em cooperação com os alunos da Escola Cinematográfica do Estado. Recorda-se que êste filme recebeu um prêmio tambem em Karlove Vary.

«O Berço de Chopin» foi o segundo filme mais votado para o Grand Prix do Festival do Rio».

DARIO HAUER — RIO

FLASHES DE HOLLYWOOD

(Cont. da pg. 13)

Percorrendo de bicicleta a parte principal dos fabulosos estúdios da Paramount, o seu repórter surpreendeu com a súa objetiva, a bela Jan Sterling que ia encarapitada na bicicleta do seu galan Kirk Douglas. Estão trabalhando juntos no filme produzido e dirigido por Billy Wilder, «Ace In The Hole». Naquela bicicleta, iam alegremente em direção ao set para completar algumas das principais cenas dessa sensacional história cheia de emoção e intrigas. «Não há dúvida,» dissemos para nós, depois de acenar amavelmente para ambos, «os fans bem que sabem como escolher os seus favoritos!»

✱

CLARENCE BROWN DIRIGE FILMES HÁ 35 ANOS!

Clarence Brown, notável produtor-diretor que apresentou tão bons trabalhos como «A Carne e o Diabo» e «Comédia Humana» completa seu trigés'mo ano no ramo da cinematografia.

Browns celebrou seu 30º marco, dirigindo Clark Gable e Bárbara Stanwyck em «Agora sou tua!», drama romântico, tendo como cenário os meios automobilísticos. Foi Brown quem dirigiu Gable em 1931 em «Uma alma livre», o primeiro filme que grangeuo ao popular astro o reconhecimento do público.

O diretor estreiou no cinema em 1915 como assistente de Maurice Tourneur, em «Trilby», que teve como figura principal Clara Kimball Young. Responsável por inúmeras inovações e melhoras na confecção de filmes cinematográficos, sempre desfrutou de prestigio em sua arte. Recentemente, dirigiu «O mundo não perdoa», que foi premiado com o New York Critics Award, considerado o melhor filme do ano.

Recordando os velhos tempos de Hollywood, Brown lembra que Greta Garbo atingiu o estrelato ao contracenar com John Gilbert em «A Carne e o Diabo»; que Joan Crawford teve papel de grande destaque em «Letty Lynton», com uma nova revelação chamada Robert Montgomery; que uma fascinante jovem, Elizabeth Taylor cativou milhões no filme «A mocidade é assim mesmo»; que um rapaz que o público conhecia como comediante podia também interpretar papéis sérios em películas como «Fúrias do Coração» e «A Comédia Humana». Seu nome: Mickey Rooney. Depois aparece aquêle garoto, Claude Jarman Jr., cujo desempenho em «Virtude Selvagem» valeu-lhe um Prêmio da Academia.

Em sua última produção, «Agora Sou Tua!» Brown dispôs-se a filmar a mais autêntica história de corridas de automóveis. Em virtude de haver trabalhado durante muito tempo no departamento de engenharia da velha companhia de automóveis Stevens Durya antes de ingressar no cinema, sabia o que desejava. O que não sabia a respeito de corridas de autos, aprendeu com grandes áses do volante, como Mauri Rose, Johnnie Parsons, Joie Chitwood, Duane Carter, Cal Niday e outros, bem como o próprio Wilbur Shaw, três vêzes vencedor nas pistas de Indianópolis, agora presidente da Motor Speedway.

«Agora Sou Tua!» despertou grande entusiasmo nos estúdios, em grande parte porque Brown e Gable (e últimamente Miss Stanwyck) gostavam de corridas de automóvel.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto a sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

DANÇA DO FOGO

(Danza del Fuego — Emelco)

A história, pròpriamente, dessa película argentina, é, pode-se mesmo dizer, comum. Mas é sumamente valorizada pela inteligente cenarização, feita no processo de «flash-back», por intermédio de vários personagens da história. Trata-se de uma jovem recalcada que se torna concertista célebre, mas que é vítima de um homem apaixonado, que a mantém prisioneira de sua tara. Uma determinada música («Dança do Fogo», de De Falla) exerce sôbre o seu espírito forte pressão, trazendo-lhe amargas recordações de sua infância — e, nesse sentido, a partitura é bem explorada, agindo em sentido funcional do drama. Nota-se, nesse filme, um certo avanço técnico e artístico do cinema platense. Mas isto se deve, indiscutìvelmente, não só à cenarização eficiente, como à inteligente direção de Daniel Tinayre, que conduz seus personagens com vivacidade e energia, procurando humanizá-los na medida do possível. Algumas seqüências são realmente apreciáveis, como no momento em que a jovem é vítima de um atentado, no seu camarim, no circo: os trechos em que o apito da locomotiva interrompe bruscamente os diálogos para entrar num túnel; e algumas poucas mais. No resto, é um filme sóbrio, bem conduzido. E, não fôsse isso, resultaria num filmezinho medíocre, pela inconsistência do argumento, solidificado, tanto quanto possível, pela hábil direção.

Cotação artística: 2½ **Cotação comercial: 2½**

PARAÍSO PROIBIDO

(September Affair — Paramount)

William Dieterle não tem sido muito feliz em seus últimos filmes. Contudo, sua capacidade diretorial sempre transparece ainda que num caso como êste, onde, de uma história realmente original, resultou num filme simplesmente bom. Com melhor cenarização, poder-se-ia obter muito mais. Trata-se de dois passageiros, um homem e uma mulher, que, com destino a Nova Iorque, pousam em Capri, perdendo o avião. Acontece que êsse mesmo avião sofre um acidente, e todos os passageiros são dados como mortos. O casal resolve então dar suas vidas como «encerradas» e iniciar uma nova, sob o amor que já despontava entre ambos. Mas existe uma barreira: a espôsa do homem, que é como que uma sombra a cobrir de luto a sua felicidade, impedindo que desfrutassem daquele «paraíso proibido». Muitos diálogos, muita coisa desnecessária e muita coisa forçada, impedem o filme de um completo êxito. Dieterle imprime à narrativa um ritmo lento, sereno, mas não consegue aquela poesia e aquêle humanismo que se evidenciam nas cenas de «Desencanto», filme inglês com um tema semelhante. Joseph Cotten e Joan Fontaine vivem o par amoroso com certo desembaraço, mas não se tornam tipos inesquecíveis, como era de se esperar. Boa fotografia, incluindo-se alguns exteriores de Nápoles, Capri, etc.. O fundo musical, baseado na melodia «September Song» e no «Concerto n. 2», de Rachmaninoff, consegue bons resultados, casando perfeitamente com a imagem.

Cotação artística: 3 **Cotação comercial: 3**

UM GRITO NA NOITE

(Un Grito en la Noche — Art-Films)

Quem assistiu a «Le Diable au Corps», de Autant Lara, jamais admitirá outra película que lhe chegue aos pés. E imaginem agora o México querendo focalizar a história de um adolescente apaixonado por uma senhora viúva que poderia perfeitamente ser sua mãe (dêle). O resultado é um completo desastre. De dramalhão que é, a película resulta numa excelente comédia, pois é tal o ridículo das situações, tão péssima é a interpretação e tão nula a direção de Miguel Morayta, que nada se salva — nem mesmo os números musicais apresentados pela pseudo-bailarina e cantora que tenta exibir suas fraquíssimas pernas num cenário de papelão, que estremece ao som dos metálicos. Os diálogos são tão inconvincentes que provocam o riso aberto da platéia. À medida que o «drama» se desenvolve, a anedota vai deixando antever o desfecho — e o desfecho é uma grande pilhéria. Pilhéria, sim, pois nenhum espírito mais esclarecido o interpretará de outra forma. Uma lástima!

Cotação artística: 0 **Cotação comercial: 2**

BONITA E VALENTE

(Anie Get Your Gun — Metro)

Indiscutìvelmente, Betty Hutton tem um número bem grande de fãs, que apreciam a sua vivacidade, a sua voz, e alguns mesmo, como nós, sòmente a sua plástica. Desta vez ela se mete no oeste americano, dentro de um argumento que, se feito em tom de sátira, poderia obter melhores resultados. Mas parece que a finalidade não foi bem essa, pois, muita vez, a coisa parece que é encarada a sério mesmo — talvez por falta de habilidade do cenarista e, mais que tudo, da deficiente direção de George Sidney. Contudo, há alguma coisa que salva o filme da completa mediocridade: alguns números musicais, por exemplo. Mas só os fãs de Betty os apreciarão. No elenco estão ainda Howard Keel (canastrão), Louis Calher (razoável), Edward Arnold (discreto), Keenan Wynn (razoável) e J. Carrol Naish (o melhor do «cast», ao lado de Betty). Tudo em tecnicolor, não se esqueçam, inclusive a fumaça dos tiros, ora vermelha e ora azul, o que é uma boa piada, como se vê...

Cotação artística: 1½ **Cotação comercial: 3**





ANTOLOGIA DOS...

(Cont. da pág. 14)

ra». «Ladrões de Bicicletas», «O Condenado», «Desencanto», «Monsieur Verdoux».

Altura: 1,70 — Pêso: 52 quilos.

Sapatos n. 38.

Esportes que gosta: natação e remo.

Sereias favoritas: Lana Turner, Rita Hayworth, Susan Hayward.

Gosta de pintura surrealista, sendo admirador de Salvador Dali e Hélio Morais Sarmento.

Tem jeito para desenho, já tendo alguns trabalhos publicados.

Freqüenta a praia diàriamente.

Tem família em Iparema (pai, mãe e dois irmãos) mas reside só, em Copacabana: Avenida Atlântica.

Aprecia em uma mulher: beleza, ternura, um pouco de ciúme, sacrifício, compreensão, dedicação.

E' vegetariano mas aprecia alguns pratos com carne...

E' fã da comida italiana.

Gosta de macarrão, feijão, arroz, ovos, leite, saladas. Não come: peixe, galinha, peru, camarão, bacalhau, caviar.

Na literatura brasileira escolhe Érico Veríssimo.

Na literatura estrangeira prefere André Gide.

Gosta de ler Schopenhauer, Will Durant, Paul de Kruiff, Maurice Fleury e o Pitigrilli atual.

Já entrevistou: Bob Hope, Cesar Romero, Lana Turner, Tyrone Power, Adelina Garcia, Silvana Mangano, Nicole Courcel, Gerard Philippe, Marcelle Derrien, Renée Cosima, Wendell Corey, Evelyn Keyes, Joan Fontaine, Lizabeth Scott, Patricia Neal, June Harver, Rouben Mamoulian, Olga Zubarry, Carmen Amaya, Hugo Christensen, Ricardo Montalban Georgina Young Montalban.

Pretende, algum dia, ser entrevistado pelos «astros».

Já amou as maiores e mais lindas estrêlas do cinema através de uma série de reportagens publicadas em A CENA, escritas em delicioso tom de sátira.

A sério, namorou três vêzes.

Atualmente, namora um brôto do outro mundo há quase um ano. Brigam tanto, por ciúme dela, que, ao que parece, terminará em casamento.

E' a favor da bomba atômica, desde que ela possa assegurar a paz.

ANTOLOGIA: «ESCRAVAS DO AMOR»

«Escravas do Amor» aborda o terrível drama de Dedê, uma mulher de vida fácil. Mas existem milhares de Dedês em todo o mundo, e suas histórias muito se assemelham. O filme não explora problemas de ordem social; tampouco se detém em análises sôbre o agravante assunto. O fato existe, em tôdas as cidades do mundo, e focalizá-lo, com tôda sua crueza, com tôda sua realidade, é, inegàvelmente, uma obra de arte. Audacioso, chocante, revoltante, repulsivo, por vêzes — êle não deixa de focalizar uma triste verdade, porque a história de Dedê é a mesma história de tôdas as meretrizes. Os motivos que levam as mulheres à prostituição são, via de regra, a desilusão, a ignorância, a precária educação para a arte de viver. Vêem-se invadidas pelo sentimento de egoísmo que as domina, que as prende, que as escraviza. Suas mentalidades mal formadas, desenham visões de um futuro claro e feliz, conquistado pela sua aparente emancipação. Os homens passam a ser meros objetos, simples joguetes que elas exploram à custa de fingimentos, de mentiras, de falsidades. Tornam-se, por isso, mercenárias do amor, vendendo o seu corpo — mas não a sua alma. Porque, em verdade, essas mariposas têm um coração, têm sentimentos, vivem e respiram como todos os outros seres, têm também o seu sofrimento e a sua angústia, têm também o seu próprio drama — o mais pesado que uma mulher pode carregar. E por terem um coração, elas podem, algum dia, amar com tôda sua alma, sacrificando tudo, como Dedê, por um amor espiritual.

(...) O argumento de H. Ashelbe, responsável ainda pela louvável cenarização, é de uma sensibilidade extraordinária, de um poder profundo de observação, de um conhecimento seguro sôbre a vida. A adaptação inteligente de Jacques Sigurd e Yves Alegret, o primeiro autor dos diálogos, o segundo, diretor da película, mantém-se fiel ao original, obtendo um cenário forte, vigoroso, de rara beleza. Yves Alegret, colocando sua câmara frente a frente com assunto tão delicado, enfrenta as situações mais difíceis com absoluta fidelidade ao texto, impregnando-lhe todo realismo cru que a história original não dispensa.

(...) Alegret focaliza o mundo do meretrício com absoluto senso de cinema. A imagem, sugestiva e pictórica em tôdas as cenas, lembra mesmo o cinema do grande Carné de «Cais das Sombras». Segue um ritmo sereno, lento, sem precipitações. Não foge à realidade um só instante. Não procura os fatos: antes, espera que êstes venham ao seu encontro e lhes dá a plasticidade encantadora que envolve tôda a obra. (...) Sua linguagem, inclusive nas cenas mais fortes, não perde nunca aquela suavidade que caracteriza seu estilo, aquela simplicidade de dizer as coisas, aquela sinceridade espontânea de revelar o íntimo dos personagens. Por isso mesmo, os tipos focalizados marcam de forma impressionante sua passagem pelo filme.

(«Revista da Semana», 7 de maio de 1949).

VALENTINO

(Cont. da pág. 22)

quebrou a máquina fotográfica. Mas não poderá destruir a história. Eu sempre tive certeza que um sujeito como você não passa de um trapaceador! Agora eu posso provar ao mundo que o Grande Amante — Rudolph Valentino — é um verme que desempenha cenas de amor com a mulher de seu melhor amigo — *fora da tela*.

..A expressão no rosto de Rudy aterrorizou Morgan, que retrocedeu temeroso.

— Quanto a Miss Joan Carlisle — eu me encarrego dela! — acrescentou, saindo ràpidamente.

Respirando fundo, Rudy conseguiu chegar ao telefone.

— Lila! — disse êle, quando ela respondeu. — Apanha-la-ei em seu apartamento em trinta minutos. Por favor esteja pronta.

★

Com a ajuda de Lila, eu preparei a sua mala, protestando durante todo o tempo. Êle devia estar no hospital. Mas não logrei convencer Rudy de que a sua vida corria perigo. Para êle o mais importante era evitar que o nome de Joan fôsse manchado.

Estudando o seu rosto, Lila murmurou:

— Sòmente agora compreendo o quanto você a ama.

Ela foi interrompida pelo telefone. Joan estava em baixo. Procurando esconder a agonia da dor, Rudy se encaminhou para a porta. Então, parou e fitou os olhos em Lila.

— Lembre-se — estou contando com você — Valentino disse quietamente.

Joan fazia uma tentativa desesperada para controlar a sua ansiedade. Quando Rudy apareceu, a sua face espelhou alívio. Mas as suas primeiras palavras a desconcertaram.

— Vou para Nova York agora à noite — êle anunciou. — Ficarei lá até que passe essa onda. Se você não se importa em estar metida em um escândalo o mesmo não acontece comigo.

Joan olhou-o incrèdulamente.

— Você teria ido — deixando-me aqui sòzinha — sem nem ao menos me telefonar?

— Certamente você não pensa que vou pôr em risco a minha carreira por causa de um tôlo caso de amor com u'a mulher casada! Lila Reyes vai a Nova York comigo. Vamo-nos casar.

Os olhos de Joan se encheram de lágrimas.

— Sei que você está tentando proteger-me. Com isso prova que me ama.

Rudy fitou os olhos nela por um momento, então sorriu.

— Estou? — dirigiu-se à porta e chamou: — Lila? Você está aí?

Lila entrou alegremente.

— Joan, *querida!* Posso ver que Rudy já lhe contou. Estou tão contente! Você pode imaginar! E êle se decidiu tão ràpidamente!

Joan chorava.

— Você também está representando! Não aceitarei isso! E' a minha vida. Você não pode simplesmente tirá-la de minhas mãos!

— Em cada uma de nossas vidas, — Rudy disse-lhe simplesmente — temos um papel a desempenhar. Não podemos modificar a história ao nosso próprio gôsto enquanto representamos. Temos de agir e falar de acôrdo com o que está escrito para nós. Você não tem escolha, Joan. O seu papel é ir para casa — para o seu marido.

Morgan estava novamente esperando-o com um fotógrafo, quando Rudy e Lila saíram de casa. Novamente a lâmapada da máquina espoucou e uma nova fotografia foi tirada. Sorrindo, Rudy lhe disse:

— Pode publicar êste retrato, Eddie. E eu também lhe darei o título da reportagem: "Rudolph Valentino foge com Lila Reyes para se casarem em Nova York".

Percebendo que Rudy fôra mais esperto do que êle, Morgan o olhou enquanto êle saía...

Talvez você se lembre do que aconteceu naquela viagem. Em caso de você ser muito jovem, talvez algum dos contadores de histórias de sua família a tenha contado. Os jornais publicaram as "manchettes":

"*Adoece o Sheik na viagem para Nova York*" e "*Valentino luta pela vida*". Então, em tipos pretos: — "*Morre Valentino*".

Rudy tentara a sua última e mais perigosa jogada. E perdera. Embora êle soubesse que não poderia ganhar aquela partida.

Ouvindo a notícia, aquêle dia, Joan se espantou.

— O seu médico me disse que êle não tinha nenhuma chance de resistir a uma viagem a Nova York — disse suavemente King.

— Acaso, — ela gaguejou — tenho de lhe dizer que o amava?

— Não, querida. Você não tem de me dizer. Eu sabia e compreendo por que você o deveria amar. Não creio que nenhum de nós consiga esquecê-lo.

— Esquecê-lo? Você provàvelmente já ouviu falar na "Dama de Prêto". Aquela que todos os anos deposita uma solitária rosa branca ao lado da inscrição:

Rudolph Valentino
1895 — 1926

Eu estava lá, da última vez. Eu espiava, no meio da multidão, enquanto êles se perguntavam, mùtuamente, quem era ela, como fazem costumeiramente.

— Não sei, — disse alguém — mas com tôda certeza êle a deve ter amado por muito tempo...

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre — Beleza e Vigor dos Cabelos

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

DA TEORIA À . . .

(Cont. da pág. 21)

trabalho meu, depois de apres ntado ao público. E' exatamente o que eu pretendo fazer com a «Alameda da Saudade». Antes que os críticos os apontem, pretendo apontar eu mesmo todos os erros que tenho certeza de haver cometido nessa primeira experiência.

— Sinceramente, o que mais me fascina no cinema são as atividades criativas, sobretudo as do argumento, rot iro, direção e montagem. Não posso queixar-me, pois de acôrdo com o contrato que tenho com a Maristela, estou agora exercendo exatamente a função de escritor de argumento e diálogos, auxiliando Manuel P luffo, que prepara «O Meu Destino é Pecar». Há um romance santista que eu gostaria imenso de levar à tela: «Cais de Santos», de Alberto Leal. Sei que a Lotus Filmes já adquiriu os direitos autorais do mesmo e ofereceu-me o ensejo de dirigi-lo. Quando, é coisa que depende do programa de produção da emprêsa. Gostaria ainda de dirigir «Xapecó» e «Porecatu», cujos argumentos já tenho d lineados. Mas acho que nas atuais circunstâncias politicas do país um filme dêsses, se tratado com a fôrça que o tema pede, não passaria pelas malhas da censura.

— Não pensei em realizar nenhum filme fora do Brasil. Por que, se tudo aqui está por fazer?

— Não posso dizer que esteja satisfeito com meu trabalho no cinema. A satisfação é um sentimento de repouso e no cinema, ainda mais do que em outra qualquer arte, é preciso andar sempre. Parar é retroceder.

ETERNA ILUSÃO

(Cont. da pág. 17)

Uma vez mais, Christine fôra execrável em cena. Renunciou a fazer qualquer coisa por ela... — confessou Rosseou à Françoʼs Courcel depois da representação. Nada de pessimismo — protestou êste — Vou levá-los comigo e mostrar-lhe meu novo fonógrafo. Um aparelho maravilhoso. Thérèse, não se vá — ajuntou vivamente o autor ao ver que a jovem se esquivava sem fazer ruido. Deixe de cerimônias, venha também conosco. Mas... tenho um encontro... com alguns amigos...

— Irás depois — decidiu François, cheio de autoridade e suficiência. Thérèse acompanhou-os a contragosto. Christine mostrava o seu ar melancólico e mantinha um obstinado silêncio a despeito dos esfôrços dos dois homens para fazê-la sorrir. Durante êsse tempo, Lucien pensava inopinadamente no «Lorientais». Amanhã partiremos — anunciou êle ao estupefato Roger. Sim, decolamos ao amanhecer. Passaremos agora pelo Saint Jacques para as despedidas e nada mais. Muito os decepcionou a notícia de que Christine e Thérèse já haviam saido do teatro. Pierrot, que lhes dera a informação, resolveu falar: Elas estão em casa de Courcel, em companhia de Guillaume Rosseau. Sei onde êle mora, vou levá-los até lá. Escuta, Licien... há uma cousa que não sabes... — acrescentou o jovem ator, incapaz de consentir que ridicularizassem por mais tempo o amigo que êle tanto estimava. Entre Christine e Rosseau... isso começou desde o início dos ensaios. O rosto do jovem se enrijeceu. Diante da casa, êle perguntou simplesmente à Pierrot: Saber qual é o andar? Não. Não importa, nós o encontraremos. Espera-nos aqui. Lucien e Roger subiram às apalpadas, prestando ouvidos diante de cada porta. — E' aqui — disseram ao mesmo tempo ao ouvirem os écos de uns compassos de jazz. A campainha não funcionava. Lucien, prêso de cólera fria, arremessou-se contra a porta. Um instante após os dois amigos estavam no vestíbulo do apartamento. — Acendo? — perguntou Roger em voz baixa. Não, atalhou Lucien firmemente. Vai por ali... Um raio de luz filtrava-se pela fresta da porta. Thérèse, pouco à vontade, queria despedir-se. Era tarde, dizia, esperavam-na no «Lorientais». E Christine, que estará fazendo? ajuntou a jovem, aborrecida com o abandono de sua amiga, que a deixava a mercê do audacioso François. Há pelo menos um quarto de hora que ela se eclipsou em companhia de Rosseau. Sem dúvida por discrição — chacoteou Courcel. — Vou procurá-la. Com um gesto rápido, Courcel aprisionou Thérèse tentando beijá-la. Enquanto ela se debatia, Rofer surgiu no meio do salão. No mesmo instante, na outra extremidade do apartamento, Lucien surpreendia Christine e Rosseau em atitude reveladora... Roger não vira senão uma coisa: Thérèse, a sua Thérese, nos braços de um outro. Enjoado, sem dizer palavra, fez meia volta e saiu da sala. Também Lucien se dispunha a cair dali. Deteve-se, entretanto, um segundo diante de Thérèse, imobilisado pela surprêsa. Tu também?... murmurou êle com tristesa e asco. Eu nunca teria acreditado... Estas palavras despertaram a pobre moça. — Em que é que não terias acreditado? bradou ela indignadamente. Estás louco?... Sua cólera tinha um acento de sinceridade que não podia enganar. E Thérèse lançou-se ao encalço de Roger, chamando-o, suplicando-lhe que parasse. Mas o jovem Roger, ulcerado, em breve se distanciou depressa. Pierrot, na rua, à espera, nada compreendia do que se passava. Que há com êles? perguntou a Lucien quando êste se acercou. Que foi que Thérèse fez a Roger? Lucien teve um vago movimento de ombros: Ela? Creio que ela não fez nada de mal...

O avião a partir para a Africa ia decolar quando Lucien e seus companheiros viram aproximar-se o famoso auto-anfíbio de Pierrot, trofeu de guerra que sempre fôra a alegria de tôda a turma. Nessa manhã, Pierrot conduzia a bordo Thérèse e Christine e os seus gestos diziam claramente: Pare, desça, «querem» falar-lhe!» Com o seu habitual espirito de decisão, Lucien se introduziu na cabine de pilotagem. Dominando o ruido dos motores, pediu veementemente um momento de espera, o tempo de atingir o carro que chegava e que por certo trazia alguma coisa para êle. Seja cordato — insistiu o rapaz. — E' muito importante. Os motores diminuiram então o ruido. Obrigado, gritou o chefe da expedição.

(Cont. na pág. 30)

CORREIO DO FÃ

NORMA SILVA HAUER — Rio — Seu trabalho "Cavalcânti e o Cinema Nacional", embora bem delineado, perdeu muito de sua atualidade,, você mesma há de convir. Certamente você gostaria de tecer novas considerações em tôrno do cineasta patrício e, se assim fôr, pode nos enviar um novo artigo que teremos imenso prazer em publicá-lo.

★

EDSON DE ALBUQUERQUE GUIMARÃES — Natal — Infelizmente, é impossível a publicação de sua carta, um tanto longa Nem mesmo seria conveniente, pois suas idéias, ali expostas para elaboração de um argumento cinematográfico, poderiam ser perfeitamente aproveitadas por terceiros — sem que isso lhe trouxesse benefício algum. Pelo esbôço apresentado, você nos parece ser um rapaz jovem e cheio de idéias. Seria difícil fazermos um julgamento de seu trabalho que, segundo você mesmo confessa, foi alinhavado às pressas. Mas você tem a seu crédito a virtude de mesmo ter sido elogiado por duas intelectuais cearenses — Angélica Coelho e Ruth de Alencar. O máximo que podemos fazer sugerir-lhe fôrça de vontade, menos timidez e agarrar tôda e qualquer chance que porventura lhe apareça. Não esmorecer nunca, esta é a base da vitória, em qualquer setor da vida, quando se tem realmente aptidões. Continue lutando que um dia a sua estrêla brilhará. Gratos pelas referências e pela simpatia à nossa pessoa E, conforme é do seu desejo, aqui vai publicado o seu enderêço Rua São Sebastião, 90 — Rocas, Natal, Rio Grande do Norte.

Felicidades!

★

RUBENS CORDY — São Paulo — Nem sempre temos à nossa disposição fotografias inéditas dos artistas solicitados pelos fãs, razão por que não lhes atendemos, de imediato, a fim de não repetirmos nenhuma pose já publicada. E como as capas da revista são enviadas para a oficina com grande antecedência, você pode aguardar, para daqui a alguns números, a publicação de Cornel Wilde, na capa. Vamos arranjar uma bonita pose. Okay?

★

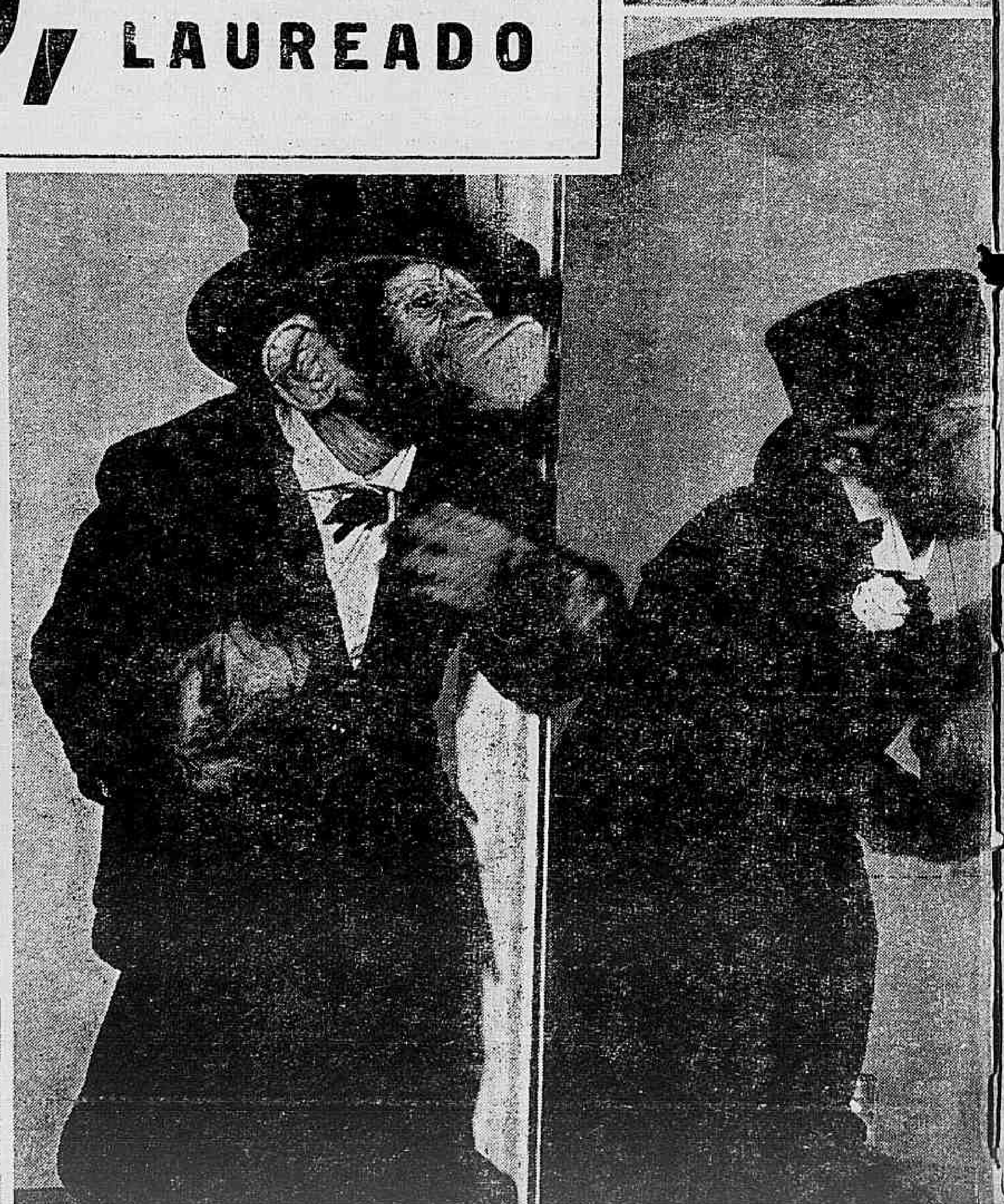
WALTER SERRA — Campo Grande, Mato Grosso — A fotografia publicada no número de 15 de março e que lhe causou dúvida vai ser dissipada agora: Fernando de Barros é o da esquerda, Guilherme de Almeida, conseqüentemente, o da direita. Quanto à publicação de uma foto de Wilma Bentivegna, da Tupi, de São Paulo, não interferimos no trabalho de nossos colaboradores. Todavia, o seu pedido foi encaminhado ao sr. Armando Migueis, encarregado da seção radiofônica da revista.

★

MARIA HELENA L. FONTOURA — Santa Maria, Rio Grande do Sul — **a)** Se Montgomery Clift não respondeu às suas cartas foi porque, provàvelmente, não as recebeu. Você pode tentar novamente, escrevendo para a Paramount Films, Marathon Street, Hollywood, Calif., onde fêz "Tarde Demais". Montgomery é um artista "free-lance", mas é quase certo que a sua correspondência, chegando àquêle estudio, lhe seja entregue. **b)** Anselmo Duarte está morando, provisòriamente, num bangalô, nas cercanias do estúdio de São Bernardo do Campo. Mas você pode escrever para a "Companhia Cinematográfica Vera Cruz", Rua Major Diogo, 311, 3.° andar, São Paulo — escritórios dessa emprêsa. **c)** Para Francisco Carlos, você pode escrever mesmo para a Rádio Nacional, Praça Mauá, 7, 22.° andar, Edifício de "A Noite". Se êle não respondeu terá sido, talvez, por falta de tempo ou por terem sido extraviadas as suas cartas. Tente novamente. E volte quando quiser.

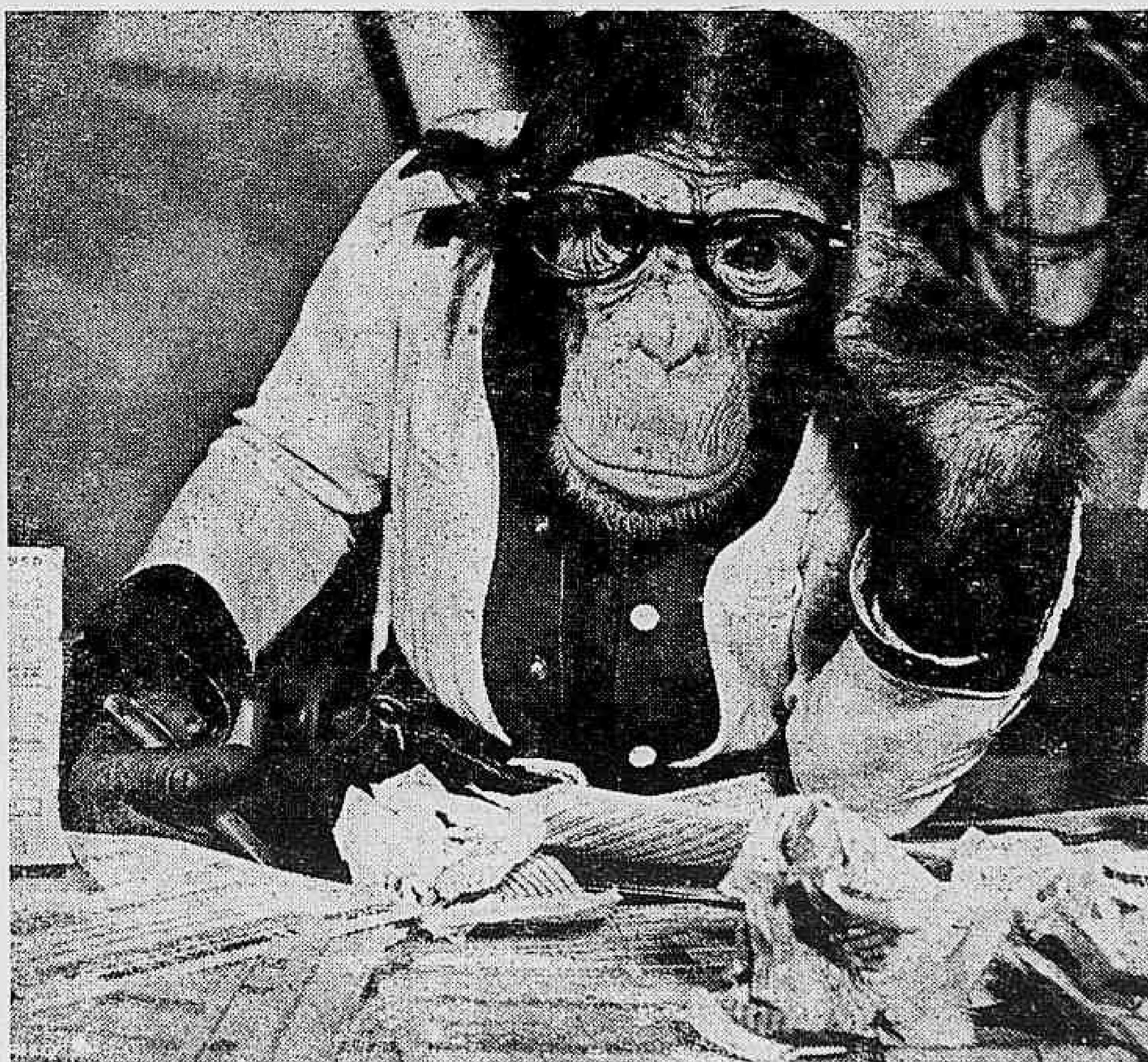



BONZO, O MACACO LAUREADO



(HOLLYWOO — de Thomas Keene) — Um caso raro na história do cinema acaba de se verificar, a propósito do lançamento de «Bedtime for Bongo», a mais recente comédia da U-International. Trata-se, realmente, de uma história engraçadíssima, pelo que de irreal ela nos apresenta: Bonzo, o macaco, interpreta a figura de «filhinho» de Ronald Reagan e Diana Lynn. Por aí os leitores podem imaginar as situações cômicas engendradas e que, graças ao talento invulgar do chimpanzé, consegue momentos de franca hilariedade. Seu desempenho é tão admirável que a Academia de Artes e Ciências de Hollywood não hesitou em lhe conferir um prêmio especial por sua atuação. E assim, Bonzo, que já era uma figura popular, representando «pontas» aqui e ali, passou a «astro» de primeira grandeza, figurando ao lado dos grandes «macacões» da arte de representar... Nas fotos, vemos Bonzo em vários flagrantes, surpreendido pelo nosso fotógrafo: experimentando um traje a rigor, para ir as solenidades; estudando seu papel em seu próximo filme, fumando um charuto e, finalmente, respondendo, de próprio punho, a volumosa correspondência de seus inúmeros fãs...



ALDO TONTI NO BRASIL

"A PARTE INTELECTUAL DO CINEMA DEVE CABER AOS BRASILEIROS" ★ GRANDES TEMAS ★ O QUE DEVE MOSTRAR O CINEMA ★ PREMIADO EM PUNTA DEL ESTE, COM SEIS PONTOS NA FRENTE DE GABRIEL FIGUEIRÔA

Reportagem de PAULO KALAMAR



«O Comprador de Fazendas» será o primeiro filme de Tonti na U.S.A.

(SÃO PAULO) — Procedente de Roma, acaba de chegar a São Paulo, um dos melhores diretores de fotografia do mundo. Trata-se do operador cinematográfico Aldo Tonti que acaba de ser premiado no Festival Internacional de Cinema, em Punta del Leste, no Uruguai, pela sua fotografia em «Il Brigante Mousolino», último filme de Amedeo Nazzari. Aldo Tonti chega ao Brasil, contratado pela Cinematográfica Maristela, a fim de rodar o filme «O Comprador de Fazendas, uma adaptação livre do famoso conto de Monteiro Lobato.

ESBOÇO BIOGRAFICO

Aldo Tonti, nasceu, em Roma em março de 1910, e durante nove anos trabalhou como foto-reporter para vários jornais e revistas italianas. Em seguida entrou para o cinema em 1928, como ajudante de câmeraman, conseguindo rodar o seu primeiro filme em 1935 e que se intitulava «Pequenos Náufragos». Desta época para cá sua carreira foi repleta de sucessos, tendo feito, também, dois filmes na Africa. Sua lista de filmes é enorme, desde o primeiro premiado que foi «Caravaggio», a vida do conhecido pintor italiano, 1º Prêmio no Festival de Veneza, passando por «Sem Piedade», de Latuada, «O Moinho do Pó», «Delito», «A Filha do Capitão», «O Bandido», «Romanticismo» e até chegar a «Obsessão» e ao premiado «Il Brigante Musolino». Ao todo Aldo Tonti já trabalhou em mais de 50 filmes.

TONTI FALA DOS OUTROS

Interrogado pelo repórter sôbre o movimento cinematográfico na Itália, Aldo Tonti mostrou-se bastante estudioso dos mesmos, e chegou a declarar, à guiza de incentivo ao nosso cinema que sòmente, agora, depois de 20 anos, o cinema italiano começou a conquistar o mercado mundial e êle não é perfeito. Sôbre um dos mais discutidos filmes italianos que foi «Ladrões de Bicicletas», Tonti declarou-nos que:

«— E' um filme de uma enorme poesia. O público poderá não compreendê-la imediatamente, poderá não dar-lhe o valor durante o espetáculo, mas fica uma suave recordação em nossa alma e aos poucos, já em casa ou ainda na rua, sentimos tôda a fôrça poética da obra de Vittório de Sica».

— Sôbre «Cristo Proibido», de Cursio Malaparte?

«— A respeito dêsse trabalho devo dizer que tenho a impressão de que Malaparte não conseguiu realizá-lo como desejava. Isto porque sinto que êle dirige como escreve, ou seja, nunca termina uma história, deixando ao público o trabalho de imaginar ou de encontrar o final de suas histórias».

O QUE O CINEMA DEVE MOSTRAR

«— O cinema deve sempre transmitir uma mensagem ao povo, mas deve ser esta mensagem combinada a uma diversão, a um espetáculo, para que ela possa ser entendida. Essa mensagem evidentemente deve ser uma mensagem de paz, de amor ao próximo.»

O CINEMA NO BRASIL

Sôbre o cinema brasileiro Tonti mostrou-se entusiasmado e nos poucos dias de convivência entre nós procurou ver tudo e estudar nossa terra e nossa gente. Por isso mesmo, embora possa parecer superficial, sua explanação é bastante profunda em relação aos problemas de nosso cinema. Diz êle:

«— No Brasil existem grandes temas para o cinema. O pouco que estudei e vim a conhecer, nestes dias, sôbre a sêca no nordeste, sôbre o drama dos seringais, sôbre os mocambos, sôbre os garimpos, deu-me um panorama completamente diverso daquilo que pensamos na Europa sôbre o Brasil. Essas coisas devem ser mostradas ao mundo, bem como as suas obras monumentais, tais como o Butantã e esta própria fabulosa cidade de São Paulo. Os panoramas do Rio, da Bahia, do Recife, são lindíssimos e devem ser mostrados na tela; mas convém não esquecer que todo filme deve possuir um conteúdo social e transmitir uma mensagem. O Carnaval, por exemplo, é um caso notável. Contaram-me de ho-

(Cont. na pág. 30)

ETERNA ILUSÃO

(Cont. da pág. 27)

Roger, por sua vez, ardia de desejo de se reconciliar com Thérèse. A intervenção de Lucien aplacou seus últimos escrúpulos. E, sob o olhar enternecido dos seus amigos, os dois jovens atiraram-se nos braços um do outro.

— Roger... — balbuciava Thérèse embriagada de emoção — tú cometeste um erro, bem o sabes...

— Agora que tudo se esclarecera, Lucien chamou seu companheiro à ordem: — Pronto, Moulin; vamos embora!

No olhar de Christine, Lucien Bonnard lia uma desvairada súplica. Ela não esperava sinão um sinal para descer do carro e correr para êle. Mas, Lucien, impassivel, não se deixou tocar pela atitude humilde e arrependida de sua amiga. E o grande pássaro branco levantou vôo, consumando a ruptura entre ambos.

— Voltava-se uma página da vida. Dentro de alguns meses aquêles jovens regressariam mais virís, fortes de uma grande experiência e aptos a dar com inteira sabedoria tôda a sua atividade ao ofício que amavam.

ALDO TONTI NO BRASIL

(Cont. da pág. 29)

mens e mulheres que economizam 362 dias no ano para se atirarem ao frenesí de 3 dias de loucura e de folia. E' extraordinário. Tem material para filmes maravilhosos».

«O COMPRADOR DE FAZENDAS»

Sôbre o filme que Aldo Tonti vae fazer, agora, para a Maristela, assim êle se expressou:

«— Li o enredo. Trata-se de uma comédia que não fará feio perante nenhum cinema do mundo. Os atores que viverão as partes e que comigo conviveram nestes dias preliminares são bastante capazes. Refiro-me com entusiasmo a Procópio e a Henriette Morineau. Alberto Piearlisi é um homem esforçado e pode tirar o máximo, dirigindo com segurança atores do calibre dos que citei. Enfim, poderá resultar dêsse esfôrço conjugado uma boa película.»

O repórter perguntou sôbre o cinema brasileiro, em geral:

«— Bem, o pouco que vi mostrou-me as possibilidades infinitas de um país jovem. Entretanto convém frisar e anotar que o verdadeiro cinema brasileiro pode e deve mesmo, por ser jovem, ser orientado por técnicos estrangeiros, mas as suas histórias, os seus argumentos devem e precisar ser escritos por brasileiros».

NOTICIÁRIO

(Cont. da pág. 33)

sendo que em 3 dêles contará com o concurso dos seguintes solistas: Sari Biro, pianista húngara que há pouco obteve grande êxito no Carnegie Hall de New York; pianista húngaro Robert Weiszz, vencedor por unanimidade do Concurso Internacional de Genebra do ano 1949: já apresentados à platéia carioca, e o consagrado violoncelista russo - americano Edmundo Kurtz. Seguir-se-ão os seguintes regentes — Paul Klecki, polonês, que terá como solista de um de seus concertos o violinista italiano Rugioro Ricci; o maestro Nino Sanzegno, já conhecido e aplaudido pelo nosso público, que virá do Scala de Milão para reger 4 concertos, nos quais se incluirão a «Missa Coral» de Malipiero e uma obra de Brasilio Itaberê, ambas com o concurso da Associação do Canto Coral, ainda, como solista, o pianista Wilhelm Kempf; o maestro Klemens Krauss, austríaco, que apresentará programas de obras de Richard Strauss. A OSB está ainda em negociações para trazer ao Rio, para esta temporada, um dos seguintes nomes de projeção mundial: Serge Koussevitsky, Rafael Kibelik. Além disso estuda-se a possibilidade de realização de 1 ou 2 concertos sob a direção do maestro Carlo Zecchi, do regente e compositor português Ernesto Hallfort, ou do maestro Ferrucio Calusio, diretor da Orquestra Sinfônica da cidade de Buenos Aires. Encerrando a temporada de 1951, teremos ainda o maestro Lamberto Baldi que tantos louros tem colhido no Brasil como no estrangeiro, e que se revelou um dos mais dedicados ensaiadores do nosso conjunto sinfônico. A par dessas atividades, o Quarteto de Cordas do Departamento de Música de Câmara da SBO levará a efeito uma série de apresentações de obras camerísticas, para os associados daquêle departamento.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

PREÇO: — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15

— RIO DE JANEIRO —

O PAI DOS DESENHOS ANIMADOS

(Cont. da pág. 8)

"Fantasmagoria" obteve tal sucesso que seu autor jamais deixou de trabalhar: em dois anos — 1908-10 — fêz mais de sessenta filmes: "Le Gauchemer du Fantoche", "Les Beaux-Arts de Joke", "Les Joyeux Microbes", "La lampe qui file", e tantos outros em que se repetia um estranho e oculto poder e em que se esboçava o destino de uma arte e a renovação do mundo pela tomada de vistas... origem longinqua das "Silly Simphonies" (Alexandre Arnoux, Revue de Cinema, 1º de maio de 1931).

Perante êsse sucesso, Pathé tirou Emile Cohl a Gaumont, perdendo-o depois Pathé também, levado por um de seus concorrentes, que o enviou à América do Norte para dirigir a sucursal que ali abriu e, mal desembarcado, o honesto Emile Cohl se apercebeu de que êle não era o único a fazer desenhos animados. Não sentiu a menor amargura e continuou a trabalhar: tôdas as semanas compunha para a edição americana de "Eclair-Journal" um pequeno filme comentando com humor a atualidade e quando alguém entrava em seu "atelier" êle mostrava o que fazia — e como fazia.

Voltando à França, em março de 1914, a guerra, que inflingiu um duro golpe à vida cinematográfica, lançou-o nos braços do jornalismo e do humor. Jamais seu nome voltou ao "écran"... Morreu em um hospital, na maior miséria, e pouco depois, em 1938, vinha ao mundo "Branca de Neve"...

Melodias para você

ROMPI TUAS CARTAS
(SAMBA-CANÇÃO)

De **Bartolomeu Silva e Souza Segundo**
Gravação de **Artur Montenegro**

Com prazer
A despedida eu te darei;
Podes crês,
Em tua vida não me meterei.
Mas se algum dia
A solidão fôr te encontrar
Isto é certo:
Não vale a pena pensar em voltar.

Fizeste-me sofrer
Sem de ti poder esquecer;
Lagrimas derramar!...
Sem cessar de verte!...
Por isso agora te odeio!
Não quero mais te ver...
Tuas cartas... teu retrato...
Neste momento acabei de romper.

INCONCIÊNCIA
(SAMBA)

De **Bartolomeu Silva e Alex**
Gravação de **Déa Camargo**

Agiste inconciente
Quando deixaste o meu lar;
Meu peito foi persistente
Continuando a te amar.
Se acaso um dia voltares
A reviver nosso amor;
Terei felicidade
Por que não guardei rancor.

Quando me deito no leito,
Ouço a voz do meu peito
Não deixarei de te amar...
Deste triste passado,
Tenho um retrato guardado,
Que não pudeste levar.

«COMO DÓI»
(SAMBA)

De **Marino Pinto** e **F. Corrêa da Silva**
Gravação de **Isaura Garcia**

Já ouvi alguém dizer
Que o amor traz sempre um bem
Que a saudade é um prazer
Pois nos faz lembrar alguém

Quem diz isso
Não sabe o feitiço
Que é se querer
Não amou uma vez...
Meu senhor
Eu já tive um amor
E não queria saber
O que êle me fez
Como louca fugia, fugia...
Mas o mundo era pouco
E êle estava onde eu ia
Como dói a gente saber
Que um amor infeliz
Não se pode esconder.

AFINAL

Bolero de **Ismael Neto** e **Luiz Bittencourt**
Gravado por **Heleninha Costa**

Afinal
Tu sofres o que eu sofri
Pagas hoje que fizeste de mal
Sentes a dor que eu senti
Quando eu quis,
Só para mim teu amor
Tu zombaste e eu me julguei feliz

Vivendo sem teu calor
Sou feliz, bem longe de ti
E nem siquer lamento
O que sofri
Aquêle meu tormento
Já teve fim
Surgiu nova ilusão
Sim
Para o meu coração
Afinal
Tu sofres o que eu sofri
Pagas hoje o que fizeste de mal
Sentes a dor que eu senti.

ADEUS RIO

Baião-otis de **Zé Dantas e Luiz Gonzaga**
Gravação de **Luiz Gonzaga**

Rio de Janeiro
Bota um visgo na gente
E' terra boa pro «cabôco» farriá
Eu só num fico
Porque Rosa diz óxente?
Será que o Zéca
Já deixou de me amar?
E dêsse geito
Pode ser que o diabo atente
E minha Rosa discontente
Bote outro em meu lugar.

Quando eu me alembro
De deixar Copacabana
E as morenas
Que eu tenho visto por cá
Eu fico triste
Sinto frio, sinto mêdo
Fico achando tudo azêdo
Com vontade de chorar
Mais mesmo assim
Adeus, ó morenas dengosas
Me adiscurpe mais a Rosa
Tá em primeiro lugar.

CÔRO

Rio de Janeiro-oi
Rio de Janeiro-oi
Eu vou-me embora
Mais pro ano eu vorto cá.

O CARTAZ DU MOMENTO



Carmélia Alves

O BAIÃO EM PARIS

Baião de **Humberto Teixeira**
Gravação de **Carmélio Alves**

Alons nous tous à monmartre
O Baião «tá» em Paris
Vamos todos à Pigalle
Aprender o que êle diz
Lá no Braz e em Hollywood
Êle fez o que êle quiz
O Baião da Paraiba
le-lá-lá «tá» em Paris
Manon, Mimi, Cimonet, Frú-Frú.

Cai no passo do Zabumba
que vem lá do Novo-Exú
lete une danse très-joly
beancomp
todo mundo baionando
que é gostoso p'rá xúxú
Baião, Baião, Baião, Baião,
le-lá-lá, le-lá-lá, le-lá-lá
le-lá-lá...
O Baião «tá» em Paris!

CAMINHO ERRADO
(SAMBA)

De **Ismael Silva** e **Paulo Marques**
Gravação de **Os Cariocas**

Se eu vivo assim amargurado
A culpada é ela
Eu sigo o meu caminho errado
Só por causa dela
Com ela sou feliz e infeliz
Ela a quem tanto amei, mas, não me quiz

Ela cruzou o meu caminho certo dia
Encheu de vida a minha vida tão vazia
Logo depois matou de vez minha alegria
Ela, que eu julgava tão sincera
Mas, ainda é por causa dela
Que hoje não sou mais o mesmo homem que eu era

A PEDIDOS

OLHOS VERDES

Samba de **Vicente Paiva**

Gravado por **Dalva de OLIVEIRA**

Vem de uma remota batucada
Essa cadência bem marcada
Que uma baiana
Tem no andar
E nos seus requebros e maneiras.
Na tôda graça das palmeiras
Esguias e altaneiras
A balançar..

São da côr do mar da côr da mata
Os olhos verdes da mulata
Tão cismadores e fatais
Fatais
E no beijo ardente e perfumado
Conserva o cravo do pecado
Dos saborosos

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



EDWIGE FEUILLERE

EDWIGE Feuillere, cujo verdadeiro nome é Edwige Cunati, com o pseudônimo de Cora Lynn atuou muito tempo no teatro, antes de tornar-se famosa. Cursou o Conservatório Dramático de Paris e na Comédia Francesa iniciou suas atividades. No cinema debutou em «Mam'zelle Nitouche» e de então para cá apareceu nos seguintes filmes: «Monsieur Albert», «Je t'attendrai», «Topaze», «Les aventures du roi Pausole», «Ces messieurs de la santé», «Le miroir aux alouettes», «Golgotha», «Barcarola do Amor», «La route heureuse», «Stradivarius», «Lucrécia Borgia», «Mister Flow», «Marthe Richard», «Fogo», «A dama de Malaca», «Jétais one aventurière», «Sans lendemain», «De Mayerling a Saravejo», L'Emigrante», «Mam'zelle Bonaparte», «A duquesa de Langeais», «L'Honorable Catherine», «Lucrèce», «La parte de l'ombre», «Tant que je vivrai», «Il suffit d'une fois», «O Idiota», «A água de duas cabeças», «Woman» (rodado em Londres com Stewart Granger), «Julie de Carneiohan», «Souvenirs perdus».



LURDINHA BITENCOURT

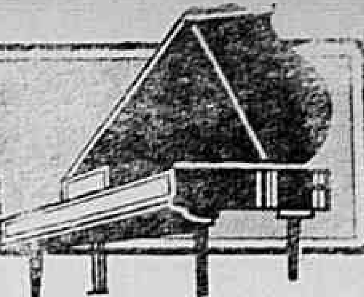
LURDINHA Bitencourt nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, Estados-Unidos do Brasil a 30 de outubro de 1923: é, pois, um brôto crescido... Muito bonita, de cara, corpo e mais isso e mais aquilo, ela canta e encanta quando aparece nos palcos vestida apenas com um pedaço de lenço e isso, naturalmente que vocês já devem ter percebido, porque possui algo que nem tôda mulher possui e que são umas colunas de linhas bem arretadas e um gorjeio de rouxinol. Vai daí ser também muito procurada pelos produtores das estações de rádio cariocas e bandeirantes e, é claro, também pelos produtores de filmes nacionais, que não são muitos a esta altura, mas já constituem apreciavel número. E como Lurdinha é igualmente muito jeitosa para o cinema, sua carreira foi en- «Maria Bonita», «Moleque Tião», «E' proibido sonhar», «Asas do Brasil», riquecida com aparições estelares em «Noites Cariocas», «Cidade-Mulher», «Obrigado, doutor!» «Poeira de Estrêlas» e «O Homem que Passa». Afastada das telas há quase três anos Lurdinha está sendo reclamada pelos fãs, que não são poucos, principalmente do sexo masculino, embora, por exemplo, alguns não a consideram senão uma menina muito boa de verse, por causa daquêles parangolés que eu disse lá em cima; mas existe muitos que acreditam no seu talento.





PATRICIA DINIZ

ATÉ há pouco Patrícia Diniz não pensava em cinema: mas Salomão Scliar ex-cinegrafista e atual produtor cinematográfico chegou um dia ao Rio Grande do Sul e resolveu fazer uma experiência, uma fita nacional sem artistas profissionais: «Vento Norte» foi o «abre-te Sésamo» para a carreira de Patrícia Diniz. E' claro que o filme tem muitos valores próprios: argumento, fotografia, direção, e uma coisa e outra, mas o fato é que Patrícia Diniz é, um e todos afirmam, um dos valores estruturais de «Vento Norte», uma das garantias do sucesso do filme entre o público (o que é muitissimo importante) e entre a crítica, o que, em certo sentido, é ainda mais importante. Patrícia Diniz, de certo modo, deixa de ser uma atriz não-profissional, para se tornar uma «estrêla» do cinema brasileiro, com possibilidades de voltar a aparecer num filme todo escrito por ela própria. Não é Patrícia?



OSWALDO DA CUNHA

SARI BIRO


Sari Biro

APÓS a apresentação do pianista polonês Robert Weiszz, ao qual não tivemos a oportunidade de ouvir, a Cultura Artística em continuação à série de espetáculos programados para a temporada de 1951, apresentou na noite de 12 do corrente a pianista de renome internacional, Sari Biro. Embora munida de suficientes credenciais para uma estréia frente a uma nova platéia, Sari Biro não correspondeu totalmente à nossa expectativa. Possuidora de uma brilhante técnica, sua execução viu-se em certas ocasiões, um tanto prejudicada pelo descontrôle rítmico apresentado em algumas passagens. Iniciando com a «Gavota e Variações», de Rameau, «2 Sonatas», de Scarlatti e «Partita em dó menor», de Bach, Sari Biro, manteve-se em um nivel bastante equilibrado, quer quanto à técnica, quer quanto a interpretação, sendo bastante pareciável a sua execução. Na segunda parte do programa tivemos, «Quadros de uma exposição», de Mussorgsky, constituida de 10 pequenas peças ligadas por um tema que se repete até ao fim da obra, aqui Sari Biro destacou-se em alguns quadros, notadamente em «Bailados de Pintos Dentro das Cascas», O Mercado de Limages e Catacumbas, executados com firmeza e precisão. Encerrando o programa, ouvimos três peças de Chopin, a «Balada em fá menor», «Noturno em dó sust menor» e «Polonese em fá sust. menor». Não nos agradou a sua interpretação um tanto fria e desinteressada nestas três peças, talvez devido a um acidente transcorrido quando da interpretação da «Balada», quando no início da mesma, arrebentou uma das cordas do piano, o que talvez tenha concorrido para que Saro Biro, perdesse um pouco do interesse pela execução dêstes números. Finalizando ouvimos a Dança de Marosszek, de Kodaly, executada com clareza e personalidade. Inúmeros extras fizeram-se ouvir, destacando-se entre êles a Rapsodia de Lizst, que mostrou-nos uma Sari Biro brilhante, diferente da que conhecemos no transcorrer do concêrto.

NOTICIARIO

O MAIOR ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA DA MÚSICA — **Londres** — O Conselho das Artes providenciou para que o programa de música para a Temporada das Artes de Londres, seja transcrito em Braille, para uso pelos cegos. A temporada de Londres, que transcorre durante os meses de maio e junho, inclui mais de 200 acontecimentos musicais, desde concertos completos no Royal Musical Hall, no Royal Albert Hall e outros salões londrinos, até as músicas de câmera e madrigais nas igrejas foram descritas por Sir Malcolm Sargent, um dos mais destacados maestros britânicos, como «a maior época da história da música». Exemplares do programa de música em Braille podem ser obtidos, gratis, do seguinte endereço: — «Arts Council Representative, Festival of British, 2, Savoy Court, London, W.C. 2, England», ou do «Festival of Britain Information Centre, Swan and Edgar Building, Piccadilly Circus, London, W. 1, England». O programa foi transcrito para o Braille pelo National Institute for the Blind. O general lord Ismay, diretor do Conselho do Festival, é também presidente do Instituto Nacional do Cego da Grã Bretanha. (B.N.S.) — ★ VINDA DE CANTORES ALEMÃES AO RIO — Foram recebidos pelo sr. Prefeito Mendes de Morais, em audiência especial, os srs. dr. Wolfgang Harnisch Jr., Ernst Vuhly, delegados do govêrno da Alemanha Ocidental, encarregados de estabelecer o intercâmbio cultural entre a Alemanha Ocidental e o Brasil. Essa comissão cultural tratou com S. Excia. da vinda ao Brasil de artistas da Alemanha Ocidental que representarão na próxima temporada lírica do Rio as óperas de Wagner e do festival de Beyruth. O sr. Prefeito Mendes de Moraes concedeu tôdas as facilidades à vinda dos artistas líricos alemães no próximo mês de maio. O sr. Roberto Pessoa, diretor do Turismo, acompanhou os visitantes. ★ CURSO DE DANÇA MODERNA — O Ballet da Juventude comunica que se encontram abertas as matrículas ao Curso de Dança Moderna que acaba de instituir. Os interessados poderão se dirigir à sede da entidade, à praia do Flamengo n. 132 — 3º andar, diàriamente, das 20 às 21 horas. As aulas de dança moderna serão ministradas pelo professor Bruno de Franchi, às 16 horas das segundas, quartas e sextas-feiras e terão início no próximo mês de maio. ★ ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA — A temporada da OSB iniciada a 24 do corrente, com um concêrto regido pelo maestro brasileiro Eeazar de Carvalho, um nome que cada vez mais se projeta no cenário da música internacional. O maestro Eleazar de Carvalho regerá 4 concertos, com a nossa Orquestra.

(Cont. na pág. 30)



SALLY FORREST

Sally Forrest, cujo verdadeiro nome é Katherine Scully Feeney, nasceu em San Diego, Califórnia, Estados Unidos da América, a 28 de maio não diz de quando Pesa 106 libras, o que não é muito, nem pouco, para uma boneca, e mede cinco pés e 2 polegadas, o que também não é muito nem pouco, para uma ianque. Loura, e por isso preferida pelos homens. Olhos azuis-acinzentados. Sua educação foi feita nas escolas públicas de San Diego, Frisco, Seattle e em L. A. (?). Ocupações: dançarina, modêlo, professôra de dança e finalmente atriz. Gosta de: sinceridade, trabalhos animados,animais, tôda espécie de música, e de dormir tarde... Não gosta de: (diz a boneca que não tem tempo para não gostar de ninguém ou de coisa nenhuma). Adora chapéus: quanto mais fúteis, melhor! Lê Thomas Wolfe e A. A. Milne, que têm a vantagem de serem autores perfeitamente desconhecidos, felizmente. Passatempos: dançar, jogar tênis... Pratos preferidos: sobremesas de qualquer tipo, sanduíche de «hamburgo» com queijo, peixes. Ambições: visitar a América do Sul, ganhar um «Oscar» e aprender a ler o cardápio em restaurantes chineses... Filmes até hoje: «Festa Brava», «Quando as nuvens passem», «A cena do crime», «Você está no brinquedo?», «O Gênio vai para a escola», «Not Wanted», «Never Fear», «A noite de 23 de maio», «Ousadia» e «Excuse my dust», os cinco últimos já como estrelinha...

Pausa para meditação



PEGGY CASTLE — (U-International)

A OPINIÃO ALHEIA

«A nós portuguêses interessava-nos fundamentalmente a existência dum cinema brasileiro que — existindo — pudesse colaborar ativamente com o cinema português, trocando artistas e técnicos, alargando o seu mercado e o nosso, um intercâmbio bem compreendido a realizar em normas elementares de bom senso financeiro. O Brasil, país de língua portuguêsa, é o mais vasto mercado cinematográfico da América do Sul. Tem possibilidades únicas de constituir um cinema seu, no estilo e na economia. Não o tentar, dada a influência gigantesca da sétima arte sôbre as massas, é quase ofender a sua própria formação nacional, deixando-a entregue às mais estrangeiras influências. Nós aqui também queremos ver filmes brasileiros, dignos do Brasil que por certo terão acolhimento igual ao de muitos filmes portuguêses que fizeram carreira em terras de Vera Cruz».

Manuel Moutinho («Diário da Manhã», Lisboa).

★

«O assunto do dia é o Conselho Nacional do Cinema. Todo mundo entende disso, desde o contínuo aqui da redação até o cineasta Alberto Cavalcanti, que apareceu de repente no Brasil como um dos donos do assunto. Só êles é que sabem e que podem dizer ao presidente Getúlio como se deve organizar a coisa para salvar o Brasil, do ponto de vista cinematográfico. Para um grupo de cavalheiros que têm acesso às colunas dos jornais, e que são portanto «orientadores» da opinião pública, não importa que se faça ou não a reforma da Constituição para atendê-los; também não tem importância que haja escassez de dólares, pois o Brasil se salvará se tiver um Conselho Nacional de Cinema. Com isso fica tudo resolvido, inclusive uns empreguinhos públicos, remunerados com um «O» de penacho e umas viagenzinhas ao estrangeiro a título de observação e estudos...»

Pedro Lima («O Cruzeiro)

★

«Pela primeira vez o cinema brasileiro tem um galã. Mas um galã autêntico, sem se preocupar com a roupa nova (por muito tempo a suprema calamidade do filme nacional), nem com a barba escanhoada. Costuma fotografar de barba crescida, o que lhe empresta um certo quê muito apreciado pelo elemento feminino e os cabelos parecem arranjados só com as mãos e não com um pente: Anselmo Duarte».

De uma reportagem («Revista da Semana»).

★

«Mas a verdade é a seguinte: O Cinema Nacional está progredindo. Filmes como «Caiçara», «Caminhos do Sul», «Cascalho», «A Sombra da Outra» e «Maior do que o ódio», já representam um esfôrço e uma grande vitória. O que precisamos agora é de apôio. O brasileiro precisa apoiar o que é seu. Países como a Argentina e o México fazem bom cinema, porque seu povo aplaude, aplaude o seu cinema, aplaude o que é dêles. Com a mentalidade que existe em certas cabeças de papelão que andam por aí, jàmais teremos um grande filme. Sejamos patriotas e compreensivos. O cinema precisa de nossa ajuda, de nossa crítica sincera, de nosso apôio incondicional. Demos um voto de confiança a êle e teremos, muito em breve, uma indústria cinematográfica à altura de nossa terra e de nossa gente».

Edésio Esteves («Diário Popular»)

SENSACIONAL

EM 1950

SÓ FUTEBOL

EM 1951

FUTEBOL
E TODOS ESPORTES
AMADORISTAS

* ESTATÍSTICAS
* FOTOS DOS CAMPEÕES
* COMENTÁRIOS DE TÔDAS AS TEMPORADAS
* HISTÓRICOS

NO ANUÁRIO DO

ESPORTE Ilustrado

BREVEMENTE A' VENDA

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

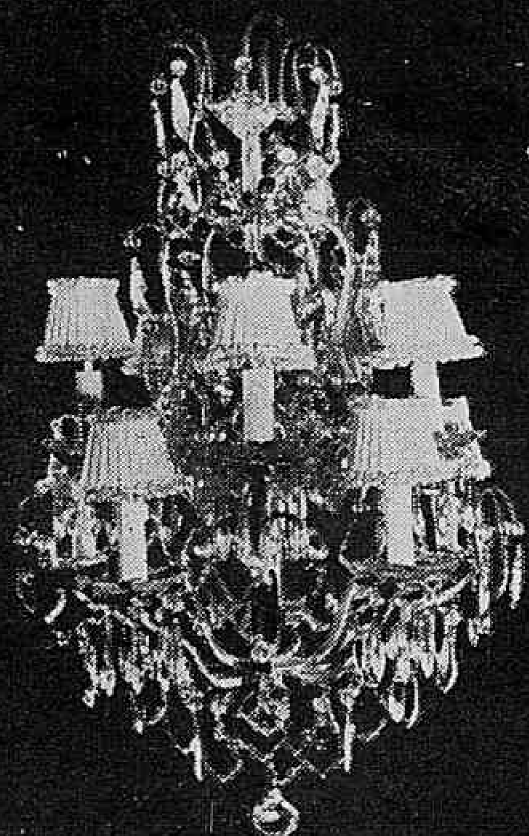
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

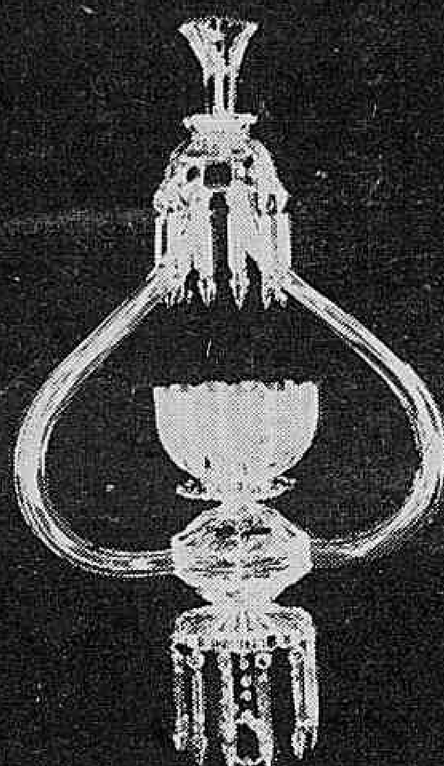
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

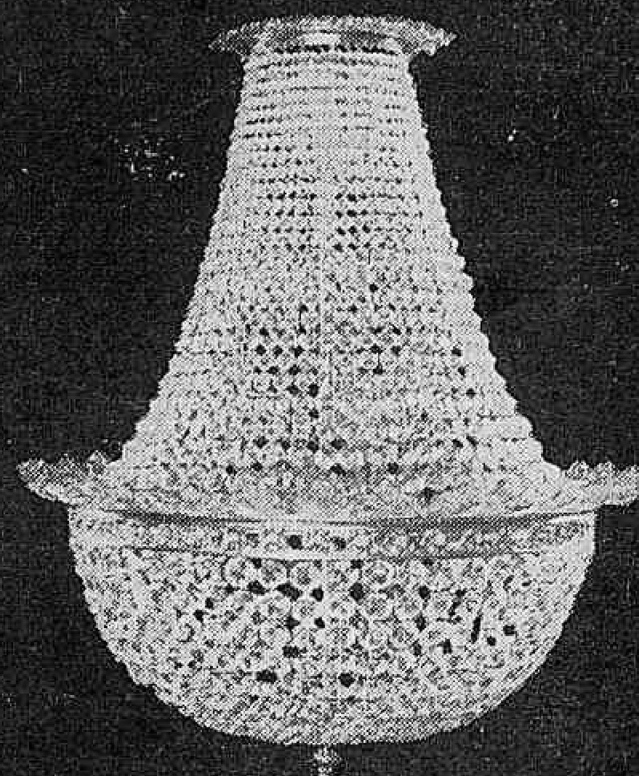
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



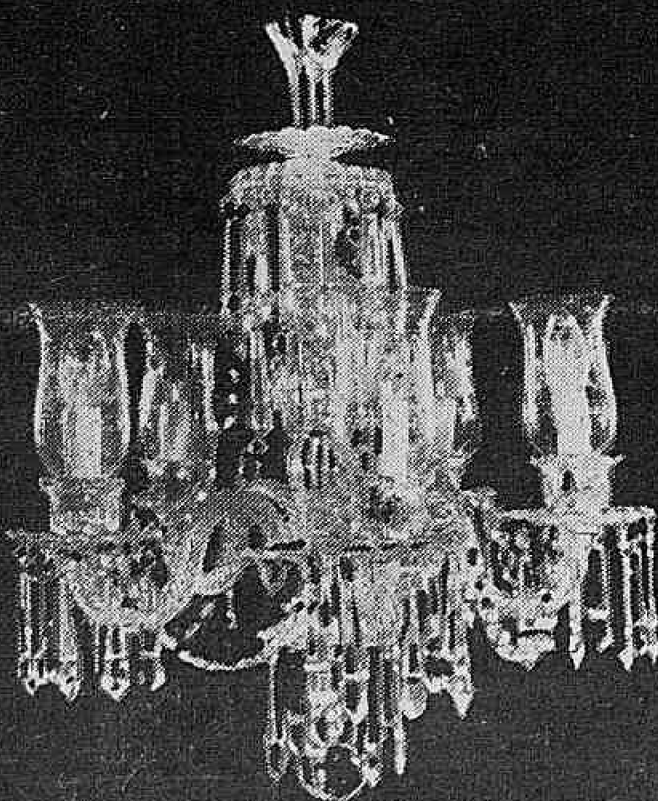
1



2



3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.